

O PROBLEMA
QUE
SOMENTE
DEUS PODIA
RESOLVER

Estudos em Romanos 1.18 – 5.21

Dr. Henry Bast

PREFÁCIO

Estas mensagens foram divulgadas originalmente pelo Dr. Henry Bast, no programa radiofônico intitulado **Temple Time** (“Hora do Templo”). Mais de 300 emissoras em todo o mundo apresentam estes valiosos estudos do Dr. Bast em diversas línguas. E agora pela primeira vez ficarão à disposição do povo evangélico em língua portuguesa.

Dr. Henry Bast, formou-se pela Universidade de Hope em 1930. Após completar seus estudos ministeriais no Western Theological Seminary em 1933, pastoreou uma igreja reformada de Grand Rapids de 1922 a 1939. Durante 5 anos foi pastor na Universidade de Hope, assim como professor da Bíblia. Acrescentou estudos pós-graduados no Union Theological Seminary de Nova York e na Divinity School da Universidade de Chicago. Durante 7 anos, serviu como professor de teologia prática no Western Theological Seminary.

Produtor e Executor do programa “Temple Time”, desde 1952, Dr. Bast não abandonou seus encargos pastorais em igrejas locais e nas escolas acima mencionadas.

Ao lermos suas palavras será como se estivéssemos escutando as batidas do coração pastoral e evangelístico de um verdadeiro homem de Deus.

Os Editores

EDIÇÕES VIDA NOVA

PREFÁCIO À EDIÇÃO VIRTUAL

Este livro veio parar em minhas mãos ao acaso. Estava vendo alguns dos muitos livros cristãos pertencentes à minha família, quando me deparei com ele. Comecei a folheá-lo e observei que trazia em suas páginas um excelente conteúdo de caráter reformado.

Como não poderia deixar de ter sido, interessei-me em disponibilizá-lo na página **Textos da Reforma**, para que todos os nossos visitantes pudessem lê-lo. No entanto, deparei-me com a questão dos direitos autorais, pertencentes às Edições Vida Nova, apesar de o livro ter sua publicação datada de 1974. Entrei em contato com a Editora explicando o meu intuito, e para, a minha satisfação, não há mais nem indícios nela da edição deste livro.

Com muita satisfação, portanto, trago aos leitores esta excelente obra, desejando que todos sejam por ela edificados, e que os não salvos possam entender a mensagem da graça salvadora através da explanação do Dr. Henry Bast.

Soli Deo Gloria.

Dawson Campos de Lima.

Web designer da página *Textos da Reforma*

1

O PROBLEMA HUMANO

“Por isso Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seus próprios corações, para desonrarem os seus corpos entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura, em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém.” - Romanos 1.24,25

Convido-os hoje a compartilharem comigo do estudo da primeira carta de Paulo aos Romanos, não somente por ela ser um documento histórico importantíssimo, como também por ser um “folheto sobre a atualidade”. É a leitura de Romanos, mais do que qualquer outra parte da Bíblia, que mais freqüentemente tem despertado a Igreja a se levantar e sair do meio dos erros e da apatia. A grande reforma da Igreja no século dezesseis remonta historicamente ao momento em que Lutero começou a estudar e expor a carta aos Romanos. Foi nessa leitura que descobriu, primeiramente para si mesmo, e depois para ensinar a igreja, a doutrina evangélica da justificação pela fé. Lutero disse que ao perceber esta verdade sentiu que a Bíblia assumira para ele novo significado. Foi o ensino de Paulo acerca da justificação pela graça, recebida mediante a fé, que abriu a porta do caminho ao Céu para Lutero.

Dois século mais tarde, com a igreja mais uma vez espiritualmente morta, surgiu um grande movimento, cuja origem, segundo as pesquisas dos historiadores, encontra-se na conversão de João Wesley. Seu próprio testemunho quanto ao acontecido, registrado no seu *Diário*, é bem conhecido à maioria dos cristãos. Wesley anotou no seu *Diário*, no dia 24 de maio de 1738: “Fui certa noite, e muito constrangido, à uma reunião na Rua Aldergaste, onde havia alguém lendo o [prefácio de Lutero à epístola](#)

aos Romanos. Cerca de quinze minutos antes das nove horas da noite, enquanto descrevia a mudança que Deus operava no coração mediante a fé em Jesus Cristo, eu senti um estranho calor no meu coração. Senti que realmente tinha confiado em Cristo somente, para receber a salvação, e recebi a certeza de que Ele levará os meus pecados, *até os meus*, e que me salvará da lei do pecado e da morte”. Daquele momento em diante, Wesley, juntamente com outros, espalhou pela igreja a doutrina da justificação pela fé, que a mesma igreja deixara cair em esquecimento, e o grande despertamento veio a ser uma realidade em ambos os continentes. (A Europa e a América do Norte – Nota do Tradutor).

Estes são dois exemplos, apenas, do que tem acontecido na igreja após Ter havido uma volta ao evangelho histórico da graça de Deus em Cristo Jesus, conforme acha-se plenamente descrito por Paulo na carta à Igreja em Roma. Sem dúvida, há centenas de outras ocasiões em que tem havido semelhante derramamento de graça e paz na igreja, que surgiram especificamente através da pregação e do ensino do evangelho conforme ele nos é revelado nesta carta inspirada. É minha esperança e oração que, enquanto estudamos juntos esta porção da Palavra de Deus, ela faça para nós o que tem feito para outros. Nunca existiu uma época em que houvesse tanta necessidade de a igreja ser despertada da sua apatia, frieza e indiferença, dos seus erros, e da sua confusão e ignorância do evangelho, como nos dias atuais.

Uma das razões que explicam a tremenda influência que esta carta cristã tem exercido no decurso dos séculos é que foi escrita por um homem que conhece e entende o evangelho e que confia nele. Já o viu em ação, e por esse motivo diz triunfantemente: “Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se

revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.” (Romanos 1.16,17). Esta declaração ressoante do poder do evangelho é o tema da carta. Começamos neste ponto o nosso estudo.

Depois de declarar o seu tema - que o evangelho é o poder de Deus para a salvação - Paulo começa no v.18 a parte principal da carta. Primeiro demonstra a necessidade que todos têm da salvação: “A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça” (v.18). Aqui, aprendemos onde realmente jaz o problema humano. Sabemos quais são os problemas individuais: temo-los às dúzias; parece até que tudo quanto procuramos fazer se transforma em problema. No entanto, uma das razões pelas quais nossos problemas sociais e pessoais estão se multiplicando é que, em última análise, nunca realmente enfrentamos o problema propriamente dito. O principal problema do ser humano é a sua alienação de Deus. Esta é a primeira coisa que aprendemos acerca do evangelho na carta aos Romanos; surge diante de nós a condição e a necessidade do homem. Evidentemente, uma boa parte da pregação do evangelho cai sobre ouvidos surdos. A ineficácia de tão considerável porção da pregação em nossos dias deva-se talvez ao fato de apresentarmos a resposta antes que as pessoas tenham-se apercebido do problema. Triunfantemente proclamamos a solução para uma dificuldade que muitas pessoas da nossa era nunca sentiram nem tomaram conhecimento. Jesus disse: - “Os sãos não precisam de médico”, e não se pode esperar que alguém preste atenção ao remédio que o evangelho de Cristo oferece para curá-lo, até que realmente se sinta doente. Ao pregar a Palavra de Deus em nossos dias, devemos começar onde Jesus começou, e onde começou Paulo. Devemos partir da necessidade do homem, que carece da salvação. O problema do homem é estar alienado de Deus. Rejeitou a Deus, o que é

um desastre para ele, porque é em Deus que ele vive, se move e existe. Segundo Paulo, quando os homens rejeitam a Deus, tornam-se nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato (v.21). Tornam-se loucos por terem transferido a glória do Deus imortal às imagens que se assemelham a homens mortais, bem como aves, animais ou répteis. Desta forma, trocaram a verdade acerca de Deus, por mentiras, servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito para sempre (v.25).

Paulo aqui fala a respeito dos pagãos do mundo do primeiro século, época em que pregava o evangelho de Cristo. Referia-se à mentalidade contemporânea de sua época, mas quem poderia ler suas palavras sem pensar nos tempos de hoje? Não será que, também, nós mudamos a verdade de Deus em mentira? E que adoramos e servimos a criatura, em lugar do Criador? Certamente, estas palavras descrevem os dias em que vivemos, e são uma descrição exata do pensamento moderno e da sua respectiva prática. Esta rejeição a Deus, de que Paulo fala, não é primária nem exclusivamente intelectual. É moral e prática. É por falta de entender isto que a teologia moderna é tão estéril e improdutiva. Os teólogos modernos são brilhantes, cultos e possuem grandes recursos; no entanto, ventilam apenas um único lado do problema da proclamação e comunicação do evangelho: tratam-no como se a única dificuldade fosse a intelectual. A moderna rejeição do evangelho é muito mais profunda do que isso. Não é apenas intelectual: é moral e espiritual, como sempre tem sido, em todas as épocas. A pregação do evangelho de Jesus Cristo encontra sempre uma barreira: a oposição, e esta oposição surge sempre da parte de homens e mulheres que rejeitam a Deus.

Visando agora melhor compreender nossa própria época, e nossos próprios corações, examinemos a análise que Paulo fez da rejeição a Deus

por parte dos pagãos no primeiro século. Salienta três pontos na sua análise. Primeiro: Essa rejeição a Deus é indesculpável, pois Deus pode ser conhecido. “Porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou” (v. 19). Paulo nos ensina que Deus pode ser conhecido através do universo criado: “Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são por isso indesculpáveis.” (v. 20). Levantava sempre este ponto quando pregava o evangelho aos pagãos, como se percebe da leitura das suas cartas e do discurso que fez em Atenas perante os filósofos do mundo helenístico (Atos 17).

Podemos portanto asseverar que, se a ignorância dos pagãos e sua rejeição a Deus era indesculpável no primeiro século, quanto mais atualmente! Precede-nos longa história e herança de pensamento cristão. Aprendemos a entender o universo mais eficientemente do que os antigos, e muitos dos mais destacados cientistas de nossos dias têm testificado, vez após outra, que há na natureza uma ordem, um desígnio, e outras evidências que juntamente indicam a existência de um Criador.

Mas, mais do que isto, temos conhecimento de Jesus Cristo. Os vinte e sete documentos do Novo Testamento foram submetidos, no decurso destes últimos cem anos, ao mais cuidadoso escrutínio da parte de estudiosos pertencentes a todos os ramos de fé, e por aqueles que não têm fé alguma, e foram pronunciados historicamente fidedignos, e autênticos. É aqui, pois, nestes documentos do primeiro século, que temos a revelação de Jesus Cristo. Cristo é um fato, uma realidade. Deus pode ser conhecido e visto em Cristo Jesus, que é a Palavra de Deus.

Temos, outrossim, a Bíblia. Deus pode ser conhecido e visto através das Escrituras. A Bíblia é a palavra de Deus. Quero perguntar-lhe, você já leu a Bíblia de maneira realmente séria? Foi através da leitura das Escrituras, especificamente de uma passagem de Romanos, que Agostinho se converteu. Diz-nos ele, nas suas *Confissões*, que no momento em que apanhou a Bíblia e começou a lê-la, Deus lhe falou. Mencionando uma passagem em Romanos 14, Agostinho disse: “Não senti vontade de ler mais nada; já não era necessário. Instantaneamente, no fim da frase lida, uma luz clara inundou o meu coração e todas as trevas da dúvida dissiparam-se.” Isto pode acontecer a você. A ignorância do homem moderno, e sua rejeição a Deus, bem como sua negação de Deus, são indesculpáveis, porque Deus pode ser conhecido.

O segundo ponto que Paulo ressalta, no que diz respeito a esta rejeição a Deus, é que ela é feita deliberadamente. Diz ele: “Portanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças.” (v. 21).

Mais adiante diz: “por haverem desprezado o conhecimento de Deus...” (v. 28). A questão de acreditar em Deus hoje em dia não é tão completamente científica e objetiva quanto muitos queriam que pensássemos. Noutras palavras, não é puramente intelectual. A rejeição a Deus não é inadvertida ou acidental. Em todos os debates modernos acerca de Deus, é evidente que se fala não meramente de *um* deus, e sim do *próprio* Deus. Isto se percebe pelo fato de que até mesmo os que dizem que Deus está morto ainda escrevem “Deus” com letra maiúscula. É o Deus vivo, o Deus da Revelação, que está sendo rejeitado. Paulo está dizendo exatamente o mesmo que Jesus dissera. A descrença é moral e deliberada. Muitos hoje dizem que não podem crer; a Bíblia diz que se recusam a crer. O Deus que fala aos homens através da natureza, da

história e da consciência, através da Bíblia e de Jesus Cristo é deliberadamente rejeitado.

O terceiro ponto salientado por Paulo, no que diz respeito à rejeição a Deus, é que ela é bastante maliciosa. Aqueles que consciente e deliberadamente rejeitam a Deus não se limitam apenas em rejeitá-lo: pelo contrário, promovem ateísmo de maneira agressiva. Querem impedir a verdade. “A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça” (Romanos 1.18). Isto demonstra, mais do que qualquer outra coisa, que a questão da existência de Deus é realmente moral e espiritual, e não primariamente intelectual. Se fosse só e inteiramente uma questão científica e intelectual, logo os que fizessem a sua decisão de não aceitar o fato de que Deus existe deixariam o assunto por isso mesmo. Talvez considerassem “piedosamente” as pessoas “ignorantes” que crêem em Deus e que procuram obedecê-lo, mas se fosse puramente objetiva e científica a questão, deixariam o assunto em paz. Não é porém exatamente o que acontece. Paulo analisou corretamente o mundo dos seus dias quando disse que os que negam a Deus envidam todos os seus esforços para abafar a verdade. Em nossos dias, a primeira e principal ilustração dessa verdade é o comunismo. Os comunistas são deste mundo, e eles mesmos o proclamam, mas eles, mais do que qualquer grupo em nossos dias, envidam todos os esforços possíveis para abafar a verdade. Suprimem toda a verdade. Não somente proíbem a liberdade da religião, como também a liberdade da imprensa, do rádio, da fala, e principalmente a liberdade do culto a Deus. *[Nota: Este livro foi publicado no Brasil em 1974, e escrito anos antes; portanto, o comunismo e a guerra fria eram realidades contemporâneas ao autor.]*

O secularista moderno em nossa sociedade não está muito aquém em seus métodos, com relação aos comunistas. Não possui as armas e o

poder político deles, mesmo assim, faz todo o possível para se opor à oração, à leitura da Bíblia, ao culto e à proclamação do evangelho através do rádio e da televisão. A rejeição a Deus, em última análise, é maliciosa, porque todos os ateus revelam-se afinal, como inimigos de Deus, da retidão e da verdade.

Observemos agora quais as desastrosas conseqüências advindas da negação e rejeição a Deus. O primeiro resultado negativo da rejeição do Deus vivo é que os homens ficaram relegados aos seus próprios recursos. Paulo, nesta parte de Romanos 1, diz três vezes: “Deus os entregou” (vv. 24,26,28), ou seja, Deus os abandonou. É esta a terrível conseqüência da rejeição a Deus. C. S. Lewis, com profunda introspecção, diz que isto significa que Deus abandona os que O rejeitam à horrível liberdade que eles mesmos desejaram. O mundo sem Deus transforma-se num caos. Viver sem Ele no mundo é algo que inspira medo Deus os entregou às concupiscências de seus próprios corações, à impureza. Deus os entregou às paixões degradantes. Deus os entregou a uma mentalidade repreensível, à conduta imprópria. Ficaram plenos de todo tipo de degradação.

(...) [Comentários sobre os países comunistas]

A Segunda terrível conseqüência de se negar a Deus é que os homens depravaram-se. “Por causa disso os entregou Deus a paixões infames; porque até as suas mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas, por outro contrário à natureza; semelhantemente, os homens, também, deixando o contato natural da mulher, inflamaram-se mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza homens com homens, e recebendo em si mesmos a merecida punição do seu erro.” (Romanos 1.26,27). Há muitos moralistas sinceros em nossos dias que crêem ser a moralidade essencialmente um problema social, e que acham

possível controlar a conduta humana através da educação adequada, e que as pessoas que não têm nenhuma religião nem fé em Deus podem ser treinadas a viverem relativamente decentes. Tal idéia é falsa. A única base da moralidade é a religião, e sem a religião não há padrões morais supremos capazes de sustentar as pessoas dentro de algum tipo de decência e ordem social. A história nos ensina isto, e Paulo tira essa mesma lição do ambiente pagão que cercava os cristãos antigos; mais do que isso, porém, é uma lição que se evidencia profunda e patentemente em nossa sociedade, para qualquer pessoa que ainda conservou seus poderes de observação objetiva. Hoje em dia estamos viajando num tobogã moral: já gozamos a emoção da descida pelo encosto coberto de neve, mas não achamos nenhum lugar nivelado, que nos sirva de freio ao chegarmos lá embaixo. Não há mais ponto de parada. Uma vez que se rejeita a lei moral, a própria vontade de Deus, que é a base de toda a moralidade, não há absolutamente nenhum ponto de parada e fiscalização onde uma pessoa possa organizar as coisas segundo seus próprios desejos quanto à decência e à segurança. Os homens sem Deus estão aviltados; estão corrompidos; cogitam e praticam todo tipo de maldade que se possa imaginar.

É este, pois, o problema humano. Os homens rejeitaram seu Criador, seu Redentor. Contra este terrível quadro de imoralidade, de corrupção e maldades de todo o tipo Paulo proclama o evangelho. Diz ele que o evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê. Seja você quem for, caro leitor, nós lhe proclamamos esse mesmo evangelho. Através da fé em Jesus Cristo, você também pode conhecer este Deus, você também pode ser libertado das desastrosas conseqüências da impiedade e da injustiça.

DEUS NÃO TEM FAVORITOS

“Porque em Deus não há acepção de pessoas.” - Romanos 2.11

No capítulo anterior, em nosso estudo introdutório desta seção da carta aos Romanos, vimos que, em última análise, o problema da alienação que há entre o homem e Deus surge como resultado da corrupção da sua natureza. No primeiro capítulo, Paulo tira do mundo pagão as evidências que sustentam este ponto de vista quanto à natureza humana. Acusa os pagãos de iniquidade, fornicação, maldade, cobiça, malícia, e assim por diante, até alistar mais de vinte pecados diferentes nesta descrição da depravação moral do mundo. A profundidade da degradação à qual se lançaram os homens mede-se de forma resumida no último versículo do capítulo 1: “Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem” (v. 32). Aqui, apresenta-se o quadro de pessoas que são tão depravadas que não somente cometem atos imorais, por sua própria conta, como também se deleitam em ver multiplicar-se a imoralidade.

É só ler esta lista de pecados, tirada da prática dos pagãos do primeiro século, para se Ter uma idéia da realidade de quão baixo nós temos caído, quanto a moral em nossos dias. Não há um pecado sequer, mencionado naquela lista, que não se pratique abertamente, hoje em dia. Todos os jornais das grandes capitais imprimem reportagens dos mesmos pecados e crimes, revelando a conduta escandalosa da sociedade moderna, que anda afastada de Deus. É o que acontece a uma sociedade que vira as costas ao Deus vivo e verdadeiro.

Ao dispor as evidências na sua demonstração das conseqüências de o homem Ter-se alienado de Deus, Paulo tem ainda mais coisas a acrescentar. Ainda não encerrou a lista de acusações contra a raça humana; no primeiro capítulo Paulo descreve a sociedade pagã do primeiro século; no segundo capítulo descreve a sociedade religiosa – especificamente a conduta dos judeus que receberam os benefícios da revelação da lei moral de Deus. Aqui, Paulo apresenta o indivíduo complacente. O segundo capítulo contém o juízo de Deus pronunciado contra o moralista. O judeu, com sua lei moral, só sabia desprezar o gentio que estava sem lei semelhante. Orgulhava-se de pertencer ao povo da Aliança de Deus. Os judeus tinham a lei e as ordenanças, sentiam-se seguros por possuírem a permanente aprovação de Deus. Nesta parte de Romanos, no entanto, Paulo faz incidir a luz de mais revelações divinas sobre estas pessoas religiosamente complacentes. Há aqui uma avaliação da moralidade dos que são retos aos seus próprios olhos, e, em seguida, uma exposição prolongada do juízo da mesma. Deus, sendo absolutamente reto, não dissimula a presença do pecado. Esta verdade é declarada mediante uma única expressão nítida e categórica, em Romanos 2.11: “Porque para Deus não há acepção de pessoas.” Este é o tema da seção que estamos estudando neste capítulo, e achamos três princípios de julgamento no desenvolvimento do mesmo, exposto por Paulo.

O primeiro princípio é do da certeza da condenação divina ao pecado. Nesta altura, podemos voltar a Romanos 1.18, que começa esta discussão do pecado do homem e da sua rebelião contra Deus. Paulo, começando seu argumento que demonstra que todos precisam da salvação, declara: “A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça” (Romanos

1.18). Isto demonstra que há no evangelho não somente a revelação da Justiça de Deus, através da qual são salvos os que crêem, como há também a revelação da justiça de Deus, através da qual os pecadores são condenados. Deus revela ambos os aspectos, não escondendo nada. Nada oculta daquilo que Ele há de fazer, e quando falamos da revelação de Deus em Cristo Jesus, devemos saber que é uma revelação de misericórdia e também de condenação. Nos nossos dias modernos, pouca coisa disso tem sido dita com respeito à ira de Deus como parte importantíssima da revelação que Deus faz de Si mesmo, e se é mencionada, é com falta de entendimento ou com tentativas de achar explicações que diminuem seu impacto. A ira de Deus não é semelhante à raiva humana. Sua ira não é paixão nem emoção. A ira de Deus é a Sua justa determinação que punirá todo o pecado; é a resposta da Sua santidade à maldade e à rebeldia do homem. Precisamos receber novamente a revelação básica da Bíblia, de que todos os homens vivem na presença do Deus santo e justo. Tudo quanto fizermos está em aberto diante do Seu escrutínio. Haveremos sempre de prestar-Lhe conta dos nossos atos. É com o próprio Deus vivo que devemos entrar em entendimento.

Pela revelação, sabemos que é certo e inevitável o juízo, e a nossa consciência confirma esta certeza. A consciência do homem – a não ser que esteja completamente cauterizada – é testemunha pessoal e íntima à realidade do juízo. Paulo apela a este fato nos primeiros versículos do capítulo 2, mostrando que todos os homens reconhecem o princípio do juízo, porque todos nós julgamos aos outros. Diariamente condenamos práticas que não merecem a nossa aprovação. Ficamos escandalizado por aquilo que consideramos atos de injustiça da parte dos outros, e partindo deste fato, Paulo fez um apelo ao julgamento divino dizendo: “No que

“julgas a outro, a ti mesmo te condenas”. Possuímos mesmo uma consciência do que é o julgamento, porque: “Bem sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade, contra os que praticam tais coisas.”

Uma segunda linha quanto à certeza do juízo de Deus pronunciado contra o pecado se percebe na própria vida. Este é um universo moral, o homem é uma criatura moral, e não se permite quebrar impunemente a lei moral. Este princípio é demonstrado graficamente na revolução sexual dos nossos dias. Aqueles que desejavam a completa liberdade da expressão sexual já a atingiram em nossa sociedade moderna. Agora, após terem rejeitado todos os mandamentos e os ensinamentos éticos da Bíblia, nos quais se baseava a nossa cultura, após terem derrubado todas as restrições morais à livre expressão dos seus desejos, após terem conseguido impor à sociedade a permissividade que reivindicam, estão começando a entrar em choque contra a lei moral final e suprema que se acha como parte integrante da natureza humana. Os psiquiatras que trabalham principalmente entre universitários nos informam que o número dos pacientes se multiplicou após o advento da nova moralidade. Por estranho que pareça, esses jovens, tanto homens quanto mulheres, são atormentados pela consciência e pelo senso de culpa e, pior ainda, estão perdendo qualquer capacidade de achar o verdadeiro amor e contentamento.

O segundo princípio do juízo, é que é imparcial, que está de acordo com os fatos do caso. A totalidade do julgamento divino se baseia na situação real das coisas. É isso o que Paulo quer dizer que o juízo de Deus é imparcial, ou que Deus não tem favoritos. Foi esta a mensagem de Paulo aos moralistas, às pessoas para as quais a religião não passava de conformidade legal a certas regras e práticas externas. Tinham certeza de que Deus lhes dedicava Sua aprovação, porque Ele mesmo fizera com

eles Sua aliança. Paulo destrói toda a complacência deles ao demonstrar-lhes que o princípio da aliança não é o favoritismo; o julgamento divino se pronuncia imparcialmente em todos os homens. Isto, naturalmente, de modo nenhum entra em conflito com o princípio fundamental do evangelho, que declara que a salvação vem pela graça e que Deus graciosamente perdoa os nossos pecados; pelo contrário, apenas quer dizer que a graça nunca deve ser confundida com favoritismo. A graça de Deus que nos é oferecida mediante o evangelho, é derramada sobre todos em pé de igualdade, sempre com a mesma condição do arrependimento e da fé. Paulo, fazendo resumo da sua própria pregação do evangelho, diz que andava em todos os lugares pregando o arrependimento perante Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Há, portanto, constantes exortações no Novo Testamento, no sentido de nos examinarmos para ver se estamos andando na fé, porque somente por meio desta fé em Jesus Cristo, é que pode haver o livramento do juízo. Bengal, comentando a história do régulo rico que aparece no Evangelho, diz: “Cristo encaminha à lei os que têm confiança em si mesmos; aos penitentes consola com o evangelho”. Este mesmo princípio acha-se no manual para a “Visitação dos Enfermos”, escrito por John Knox, o heróico reformador escocês, onde ele dá a seguinte orientação: “O visitante pode sustentá-lo com doces promessas da misericórdia divina, que são nossas mediante a obra de Cristo, percebe-se que o paciente está com receio das ameaças divinas. Se, pelo contrário, o paciente não se deixa comover pelo sentimento da sua própria culpa, precisa ser humilhado pela exposição da lei divina”.

O terceiro princípio do juízo divino é aquele baseado em procedimento: “... da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo o seu procedimento” (Romanos 2.6). Este princípio é ensinado na Bíblia inteira, e encontra-se em todas as partes do Novo

Testamento. Acha-se no Sermão da Montanha, destaca-se no livro de Apocalipse (o livro do juízo por excelência da Bíblia), e aparece nas demais Epístolas, sendo especialmente ressaltado por Tiago.

Este princípio já deu origem a discussões desnecessárias, sendo que os críticos levantaram objeção de que, neste ponto, a Bíblia entra em contradição consigo mesma. A cuidadosa leitura da exposição deste princípio que Paulo faz em Romanos demonstra, porém, que aqui não há contradição alguma entre a fé e as obras, contradição esta, aliás, que não surge em nenhuma parte da Bíblia. Devemos sempre tomar como ponto de partida o depoimento claro e sem ambigüidade de que a justificação vem pela fé somente, excluindo-se quaisquer considerações secundárias. “Ninguém será justificado diante dele por obras da lei” (Romanos 3.20); “Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida. Mas ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica ao ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça” (Romanos 4.4,5). Alguém poderá formular a pergunta: Como se reconcilia isto com a declaração de que Deus retribuirá a cada um segundo o seu procedimento, ou seja, suas obras? Em primeiro lugar, devemos entender em que parte jaz a verdadeira discrepância ou dificuldade. A antítese não é entre fé e obras, e sim, entre o merecer a salvação e o recebê-la como Dom gratuito da graça de Deus. Conforme já indiquei, não há nenhuma linha na Bíblia que sugira que qualquer homem pode merecer a própria salvação. Não se obtém a salvação ou a justificação mediante as obras: é sempre o Dom gratuito que Deus oferece mediante a graça. Mesmo assim, as obras pelas quais seremos julgados são o fruto da fé. Paulo diz em Efésios: “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; isto não vem de vós, é Dom de Deus, não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus de antemão

preparou para que andássemos nelas” (Efésios 2.8-10). Jesus disse: “Os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo” (João 5.29). O tema central do ensino de Jesus é: “Pelos seus frutos vós os conhecereis”. No final das contas, a realidade da fé que se possui nunca poderá ser medida por meras palavras ou alegações. Lembrem-se das palavras de Jesus: “Nem todo o que me diz: ‘Senhor, Senhor’ entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mateus 7.21). Somos salvos mediante a fé somente, mas esta fé mediante a qual somos salvos, revela, pelas obras que praticamos que realmente somos salvos. Ou, em linguagem mais teológica, o Novo Testamento inteiro insiste em que nossa justificação seja seguida pelos frutos da justiça.

Paulo termina sua explanação sobre o juízo fazendo séria advertência aos seus leitores. Não entendam erroneamente a paciência de Deus: o juízo pacientemente adiado não significa que não haverá juízo algum. Deus nem sempre pune imediatamente o pecado. Seguem-se algumas perguntas que Paulo fez aos seus leitores do primeiro século, e que cada um de nós hoje bem podia fazer a si mesmo: “Tu, ó homem, que condenas aos que praticam tais coisas e fazes as mesmas coisas, pensas que te livrarás do juízo de Deus? Ou desprezas a riqueza da Sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?” (Romanos 2.-34).

Quantas vezes, quando é cometido um assassinato ou outro ato de injustiça, ouvimos alguém dizer: “Por que Deus permite isto?” Comentários desta natureza surgem da parte daqueles que não têm o conceito certo da paciência de Deus. O propósito de Deus em adiar o juízo não visa consolar os pecadores, e sim levá-los ao arrependimento.

Deus não está deixando o pecado escapar desapercibido quando demora em aplicar o castigo; é inevitável a condenação de Deus ao pecado, mas Ele adia o pronunciamento do castigo sobre o pecado a fim de que as pessoas possam se arrepender e abandoná-lo. É por essa razão que a Bíblia diz: “Buscai ao Senhor enquanto se pode achar; invocai-O enquanto está perto. Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar” (Isaías 55.6,7).

Quero falar agora em prol do Evangelho da Graça de Deus. Quero instar com você, leitor, no sentido de que não interprete erroneamente a bondade e a paciência de Deus. Compreenda o que Deus quer com isso: quer levá-lo ao arrependimento. Os homens quebram as leis de Deus, zombam do Seu domínio, blasfemam o Seu nome, como acontece hoje em dia, mesmo assim, quando estas coisas estão acontecendo, Deus ainda está refreando a Sua ira contra tanta maldade e iniquidade, por ser Ele misericordioso e gracioso, apesar de ser santo e reto. O dia da sua paciência chegará ao fim, e este será o começo do dia do julgamento. Você precisa preparar-se para enfrentar este dia, fazendo exatamente aquilo que a Palavra de Deus insiste com urgência que você faça – arrependa-se e creia. Não despreze a bondade divina, não entenda mal a Sua paciência, porque tudo isso visa levá-lo ao arrependimento. Faça o que é certo para resolver o problema agora mesmo.

O PRIVILÉGIO TRAZ CONSIGO A RESPONSABILIDADE

“Tu que te glorias na lei, desonras a Deus, pela transgressão da lei?”

Romanos 2.23

Nesta parte da carta aos Romanos, Paulo entra na terceira etapa do seu argumento para demonstrar a necessidade universal da Salvação. Paulo nos diz nestes capítulos iniciais da carta que: “Não há quem faça o bem, não há um sequer”. Demonstra essa verdade primeiramente através de uma descrição exaustiva e detalhada da moralidade pagã do mundo romano no primeiro século. Examina então o desempenho moral do seu próprio povo, e demonstra que, apesar de serem mais altos os seus padrões, seu nível de moral do ponto de vista de Deus não é melhor. Chega assim à conclusão: “Porque não há distinção, pois todos carecem da glória de Deus”. Paulo, no entanto, não demonstra meramente a insuficiência da moralidade do povo judeu – dos legalistas e moralistas dos seus próprios dias; assevera que são alvo da condenação divina por terem desprezado seus altos privilégios, abusando deles. Possuíam melhores conhecimentos da vontade de Deus do que os pagãos, deixaram porém de obedecê-la e segui-la. Aprendemos portanto nessa parte o princípio geral de que o privilégio traz consigo a responsabilidade.

Durante algum tempo, enquanto pesquisava estes estudos em Romanos, estava em dúvida quanto à vantagem de omitir esta longa seqüência, onde Paulo analisa o fracasso dos judeus dos seus dias. Pensei comigo mesmo: Esta descrição da maneira pela qual os judeus praticavam a religião deles durante o primeiro século, tenha talvez algum interesse acadêmico e histórico – qual seria porém a relevância que

poderia isto Ter para nós, e totalizando qual a mensagem transmitida à igreja dos nossos dias? Este foi o meu raciocínio, porém quanto mais estudava o capítulo, mais o compreendia, pois pareceu-me impossível deixá-lo de lado. Lembrei-me do que disse Paulo em I Coríntios acerca do fracasso de Israel nos tempos do Antigo Testamento: “Estas coisas lhes sobrevieram como exemplo, e foram escritas para advertência nossas, de nós outros sobre quem os fins do século tem chegado. Aquele pois, que pensa estar em pé, veja que não caia” (I Coríntios 10.11,12).

Estudamos esta carta aos Romanos não simplesmente como uma obra de literatura produzida no primeiro século por um dos primeiros convertidos ao cristianismo, e sim, com a Palavra de Deus. Não é somente informativa – através dela, Deus nos fala hoje com respeito à nossa situação. De todas as passagens da Bíblia que nos advertem, escritas para nossa instrução, estas palavras que Paulo escreveu à Igreja judaica do primeiro século são as que mais urgentemente se aplicam a nós. Nessa advertência, a Palavra de Deus fala a todos os membros meramente arrolados de nossas igrejas, atualmente, ensinando-nos aquele grande princípio definido por Cristo: “Aquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido” (Lucas 12.48). Embora Paulo esteja dirigindo-se aos judeus da sinagoga do primeiro século, é evidente que tudo quanto lhes diz acerca da sua conduta moral e da sua vida espiritual é aplicado diretamente ao membro nominal existente em nossas igrejas hoje. O judeu da sinagoga do primeiro século era elemento privilegiado no mundo pagão. Tinha o conhecimento de Deus, não sabendo, porém, viver à altura desse conhecimento, decaiu no conceito divino, sendo por isso condenado.

Com o intuito de entendermos como tudo isso se aplica a nós, em nossas igrejas atualmente, começemos com um exame da descrição que

Paulo nos dá da posição dos privilegiados. Os judeus do primeiro século tinham uma grande vantagem sobre os pagãos da sua própria época, porque possuíam a revelação de Deus, enquanto o pagão, especialmente o pagão mais esclarecido do primeiro século, tinha o benefício da luz do raciocínio, bem como algumas luzes da providência de Deus na natureza, às quais Paulo faz alusão no primeiro capítulo, e embora todos os homens tivessem o dom de distinguir o certo e o errado, não desfrutavam da vantagem da revelação especial feita por Deus na Sua Palavra. Não possuíam a lei e os profetas. Não possuíam os mandamentos claros e categóricos: “Não terás outros deuses diante de mim”; “Não farás para ti imagem de escultura”; “Honra a teu pai e a tua mãe”; “Não adulterarás”; e assim por diante.

Era esta a vantagem que o judeu da sinagoga possuía, e para melhor entendê-la, devemos ter em mente o fato de que ele não disputava a autoridade e a validade da lei. Todo o Novo Testamento nos mostra que os judeus do primeiro século, excetuando-se o partido dos saduceus, que eram os céticos religiosos da época, aceitaram a totalidade da lei e da revelação de Deus no Antigo Testamento. Esta, portanto, era sua posição moral e espiritual. Paulo catalogou as vantagens dessa situação no capítulo 3, dizendo: “Qual é, pois, a vantagem, do judeu? Ou qual a utilidade da circuncisão? Muita sob todos os aspectos. Principalmente porque aos judeus foram confiados os oráculos de Deus” (Romanos 3.1,2). Quando Paulo diz que os judeus tinham os oráculos de Deus, ele se refere à totalidade da revelação que Deus fizera da Sua própria Pessoa. Deus lhes falara. Revelara-se assim como revelara a verdadeira natureza do homem, sua sublime origem na criação, sua queda no pecado e a corrupção do seu coração. Esta, pois, foi a primeiras das vantagens que o

judeu recebeu. Possuía os oráculos de Deus, ou seja, era receptor da Revelação.

A Segunda vantagem que o judeu tinha, em contraste com os gentios, era a da aliança, simbolizada na circuncisão. Precisamos compreender o que significava para o judeu a circuncisão, qual o significado que o próprio Deus lhe emprestava, e então poderemos entender esta passagem das Escrituras. A circuncisão era o sinal da aliança que Deus fizera com Seu povo. Servia como perpétua lembrança ao judeu, da graça e misericórdia de Deus, e das maravilhosas promessas que Ele lhes fizera. Era a garantia da parte de Deus; o sinal de que as promessas seriam cumpridas. Era essa a posição do privilégio.

Tendo em mente este esboço espiritual e mortal do judeu do primeiro século, nós que pertencemos à igreja de Jesus Cristo deveríamos estar aptos para vermo-nos a nós mesmos. Possuímos muitos privilégios além dos que possuíam os judeus do primeiro século. Devemos nos lembrar de que os oráculos, isto é, a revelação da parte de Deus que eles possuíam, era só o Antigo Testamento. Embora Cristo tenha chegado antes da época em que Paulo redigiu suas cartas, eram elas dirigidas a judeus que ainda não conheciam esta verdade. Falava-lhes na base daquilo que aceitavam, isto é: as Escrituras do Antigo Testamento, os oráculos de Deus. Entretanto, nós possuímos muito mais do que eles. Aquilo que hoje possuímos é declarado de modo completo na carta aos Hebreus: “Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias falou pelo Filho a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo” (Hb 1.1,2). Temos a revelação plena e final de Jesus Cristo, que disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (João 14.6). Esta é a nossa posição espiritual. É este o privilégio

que possuímos; e a responsabilidade que por esse motivo nos é imposta, acha-se na exortação que aquele apóstolo do primeiro século fez à igreja, usando as seguintes palavras da carta aos Hebreus: “Por esta razão importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos. Se, pois, se tornou firme a palavra falada por meio dos anjos e toda a transgressão e desobediência recebeu justo castigo, como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?” (Hb 2.1-3).

Tendo analisado a posição dos privilegiados, examinemos a descrição que Paulo nos dá da sua respectiva prática.

A DEPRAVAÇÃO DO HOMEM

“Como está escrito: Não há justo, nem sequer um, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, a uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer.”

Romanos 3.10-12

O Evangelho de Jesus Cristo é uma boa nova, mas, como já foi, visto a boa nova começa com más notícias. É neste ponto que Paulo inicia sua exposição da mensagem da redenção em Jesus Cristo, nesta carta à igreja em Roma. As más notícias consistem em ser o homem reconhecido como pecador. Sua natureza é corrompida e ele está condenado à morte. A Bíblia não nos deixa nunca perder de vista essa verdade. Quando fala acerca do amor de Deus ou da Sua graça salienta sempre esse amor que é oferecido somente àqueles que reconhecem ser pecadores. E esta verdade é ressaltada no versículo freqüentemente conhecido como *o versículo de ouro da Bíblia*: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3.16). E para não perdermos o ensino desta verdade, ele é explicado e amplificado no versículo 18: “Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito filho de Deus” (João 3.18). São estas, pois, as más notícias: o homem, por si mesmo, está perdido, condenado e arruinado.

Foi neste ponto também que o catecismo histórico das Igrejas Reformadas começa sua exposição da fé cristã. Depois de registrar-se uma declaração introdutória, o catecismo propriamente dito começa com a seguinte pergunta: “Quantas coisas deves conhecer para viveres e

morreres na bem-aventurança da consolação?” A resposta é: “Três. Primeiro, a grandeza do meu pecado e miséria. Segundo, como seou libertado de todos os meus pecados e de suas miseráveis conseqüências. Terceiro, que gratidão devo a Deus por essa redenção” ([Catecismo de Heidelberg](#)). Os que conhecem o Novo Testamento perceberão que esta declaração é, na realidade, o esboço básico da carta aos Romanos.

A exposição compreensiva do evangelho cristão histórico, que achamos em Romanos, começa com uma análise completa do pecado e da culpabilidade dos homens. Esta doutrina é a mais relegada nas pregações dos nossos dias, e, na verdade, não erraríamos muito se disséssemos que temos quase perdido a noção da doutrina bíblica do pecado e da culpa humanos. Ou em hipótese alguma deixamos de mencionar o assunto, ou tratamos o mesmo muito superficialmente. É mister restaurarmos o interesse por esta doutrina, porque, sem ela, nunca entenderemos o valor do glorioso evangelho de Jesus Cristo, nunca entenderemos *de que* fomos salvos.

Em primeiro lugar, examinemos a acusação formal. Paulo, após ter demonstrado, até esta altura na carta, que todos os homens vivem sob o poder do pecado, passa a lavrar em ata a acusação formal contra o homem. Vamos agora ler a acusação formal registrada contra nós na Palavra de Deus:

“Não há justo, nem sequer um, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, a uma se fizeram inúteis, não há quem faça o bem, não há nem um sequer. A garganta deles é sepulcro aberto; como língua urdem engano, veneno de víbora está nos seus lábios, a boca deles a têm cheia de maldição e de amargura; são os seus pés

velozes para derramar sangue, nos seus caminhos há destruição e miséria; desconheceram o caminho da paz. Não há temor de Deus diante de seus olhos.”

Romanos 3.10-18

É esta a acusação formal. Não conseguimos sentir-lhe a força porque a maior parte de nós já perdeu de vista a autoridade com que ela esta revestida. Ressaltamos de tal maneira os escritores humanos da Bíblia, que nos esquecemos de entendê-la e obedecê-la como ela é. A Palavra de Deus. Falamos sobre o conceito que Paulo tem de Deus, o seu ponto de vista no que diz respeito ao homem, ou acerca da doutrina paulina acerca da culpa e do pecado, e mesmo dentro dos círculos evangélicos, esquecemo-nos do fato de que Romanos faz parte das Sagradas Escrituras, que são a própria Palavra de Deus, e que esta declaração é o pronunciamento do próprio Deus no que diz respeito ao homem.

Esta acusação formal contra o homem é sustentada em toda a Palavra de Deus. A corrupção do coração humano é o tema geral dos Profetas, Salmistas, de todos os Apóstolos, e concentra-se nos ensinamentos de Jesus. A declaração de Jeremias é o exemplo característico da Palavra do Senhor anunciada em profecia: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto, que o conhecerá?” (Jeremias 17.9). A exclamação de Davi é característica dos Salmos: “Eu nasci na iniquidade, em pecado me concebeu minha mãe” (Salmo 51.5). O gentil e bondoso João e discípulo amado fala em nome de todos os apóstolos, quando diz: “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós” (1 João 1.8).

É este, pois, o ensino da Bíblia quanto à natureza do homem. Na doutrina cristã, é denominada doutrina da depravação total. Isto não quer

dizer que todo homem vai até as últimas conseqüências da prática do mal, nem tampouco, quer dizer que ele não possua qualquer grau de bondade. Pessoas há que, sem estarem em Cristo, são decentes e bondosas, graciosas e inteligentes, mas nem por isso deixam de ser pecadoras. A sua própria natureza é depravada. A depravação total implica em duas coisas. Significa primeiro que o pecado se espalhou ao ponto de penetrar e afetar cada aspecto de nossa natureza. A personalidade no seu total é corrupta. Um estudioso no Novo Testamento (Trench), possuindo grande cultura e discernimento, chama a atenção para o grande número de diferentes vocábulos empregados por Paulo, na sua descrição do pecado. Cita as palavras gregas, com seus respectivos equivalentes, que descrevem as variedades do pecado, segundo o Novo Testamento como a seguir: ignorância, carência, violação da lei, errar o alvo, ir além dos limites, desobedecer à razão, relegar a lei, tropeçar, entrar em discórdia etc.

O segundo aspecto do significado da doutrina da depravação total do homem é que este não tem a mínima capacidade de salvar-se a si mesmo. “Visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei” (Romanos 3.20). Paulo desenvolve esta verdade um pouco mais adiante neste mesmo capítulo, ao iniciar a sua explicação sobre a justificação pela fé. Indica que não há nenhum outro caminho para a salvação do pecador, a não ser mediante a fé no Senhor Jesus Cristo, e apresenta a seguinte razão: “Porque não há distinção; pois todos pecaram e carecem da glória de Deus”.

Uma vez ouvida a acusação formal, passemos agora a considerar as evidências aduzidas para sustentá-la. Paulo não deixa este assunto da depravação do homem e da sua natureza corrupta como mera asseveração sem evidências que a comprovem. Traça três linhas de

evidências que, nesta passagem, apóiam a veracidade da acusação de que todos os homens pecaram e carecem da glória de Deus, não havendo um que faça o bem, que todos se desviaram do caminho e seguiram seus próprios desejos. A primeira linha de evidência advém de observação. Paulo faz considerável uso deste tipo de evidência, por ser ela acessível a todos; tinha aguçados poderes de percepção, e também a oportunidade de ver todos os lados da vida no mundo dos seus dias. Fizera viagens de grande alcance pelo mundo pagão, e sua descrição da total corrupção daquela sociedade, que se pode ler no capítulo primeiro da sua carta, é amplamente comprovada nos escritos dos poetas, filósofos, moralistas e estadistas da sua época. Na realidade, Paulo ainda amenizou a sua descrição, sendo que as outras feitas com referência à maldade e corrupção do mundo no primeiro século, pelos próprios pagãos, nem sequer poderiam ser mencionadas entre pessoas decentes.

Além disso, Paulo era testemunha qualificada do fracasso moral do judaísmo do primeiro século. Era judeu nato, hebreu de hebreus, como ele mesmo disse, e fariseu. Foi educado nas escolas rabínicas, e, quando, no segundo capítulo, lançou um desafio à moralidade daqueles que somente seguiam a conformidade externa da religião, perguntando: “Tu, pois, que ensinas a outrem, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas? Dizes que não se deve cometer adultério, e o cometes, abominas os ídolos, e lhes roubas os templos; tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei” (Romanos 2.21-23). As perguntas que surgem daquilo que ele já presenciara e soubera acerca do fracasso moral e espiritual dos judeus.

A segunda linha de evidência da qual a acusação formal contra o homem foi desenvolvida, surgiu das suas próprias experiências e do seu conhecimento do próprio coração. Há, não somente em Romanos, como

em todas as cartas de Paulo, extensas passagens autobiográficas que demonstram que ninguém jamais meditou tão profundamente na maldade e corrupção do seu próprio coração, nem falou objetivamente acerca disso como esse mesmo homem que acusa toda a raça humana de ser pecadora. Diz ele: “Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço”. Devemos saber isso quando falamos da depravação do homem, que não se trata apenas da prática de atos errados: esta clara e exaustiva asseveração da depravação da natureza humana demonstra quão errada é esta própria natureza; afirma mesmo que a própria pessoa está no erro. Foi o que Paulo aprendeu sobre o seu próprio coração quando disse: “Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço”. Mais uma vez verifica-se que há uma linha de evidência que é acessível a todos nós. Haveria alguém com ousadia suficiente para com toda a honestidade dizer-se a si mesmo que tem o coração puro ou a consciência perfeitamente limpa? Não clamamos todos nós, juntamente com o poeta?:

“Oxalá surja em mim um homem
que ponha fim ao homem que eu sou.”

Moule, na sua calorosa e comovente exposição de Romano, em “Expositor’s Bible”, citando o crítico francês, Adolphe Monde, disse que no início da vida de expositor considerava grande e lamentavelmente exagerada a descrição que Paulo faz da natureza humana, pensando que fosse apenas o extravasamento de retórica religiosa. Confessou sentir-se totalmente incapaz de submeter-se a esta terrível verdade, mas, no decurso dos anos, ao sondar sempre mais profundamente os recônditos do próprio coração, a veracidade dessa passagem foi-se imprimindo em

sua consciência. Nem assim foram dissipadas todas as dúvidas, mas em seu leito de morte disse: “Tenho certeza que, ao desfazer-se este tabernáculo de carne mortal – reconhecerei naquela passagem o mais verídico retrato que já foi pintado do meu próprio coração natural”. Faça a minha oração no sentido de que ninguém entre nós precise esperar até chegar as umbrais da morte antes de chegar a acertada conclusão quanto ao estado do nosso próprio coração, que este crítico francês percebeu tão tarde na vida.

A terceira linha de evidência que Paulo oferece para corroborar a acusação da corrupção total da natureza humana é a das Escrituras. A acusação formal que li no começo deste capítulo e que se acha em Romanos 3.10-18, é feita em termos de passagens tiradas exclusivamente do Antigo Testamento. Paulo apresenta-a como uma fórmula familiar de autoridade: “Como está escrito”. Há aqui seis passagens dos Salmos e uma de Isaías. Na maioria dos casos, Paulo apenas tirou uma ou duas linhas da passagem original, havendo, portanto, aqui, sete versículos tirados de sete partes diferentes do Antigo Testamento, não deixando por isso de possuir unidade e coerência marcantes, demonstrando que a Bíblia possui, na sua totalidade, uma doutrina do pecado, e uma só mensagem quanto à salvação. Percebemos, portanto, que a última linha de evidência de Paulo, e a autoridade final a que apela ao edificar a sua doutrina da culpa e do pecado do homem, bem como a total corrupção do seu coração, é a autoridade das Escrituras. A expressão “Como está escrito” encerra a questão. O homem é um pecador perdido. Esta é a palavra de Deus. É esta a acusação que faz contra nós; é dessa forma que Deus nos fala.

Falta agora salientar mais um só ponto nesse capítulo, e vou fazê-lo na forma de uma pergunta: Você já ouviu a acusação formal. Qual é a sua

contestação ao respondê-la? Sinto-me sempre impressionado com esse procedimento no foro. Quando o réu fica em pé diante do juiz, e é lida a acusação, o juiz faz apenas uma pergunta: “Culpado ou inocente?” Nestes dias nos quais é tão difícil e às vezes quase impossível escolher uma alternativa, há pessoas que sempre procuram andar no meio do caminho – mas a justiça não permite o meio termo: você terá que declarar sua culpa ou inocência.

E agora pergunto-lhe enquanto você está ali, um réu diante do Juiz de todos os homens, o Juiz de toda a terra, que não deixará de exercer a justiça: Qual é a sua resposta? É com Deus que você terá de se haver. O primeiro comentário feito por Paulo após a acusação constatada nessa passagem é: “Ora, sabemos que tudo o que a lei diz ao que vivem na lei o diz, para que se cale toda boca, e todo homem seja culpável perante Deus” (Romanos 3.19). Dessa forma você entende, pois, que terá de prestar contas a Deus? Se nunca confessou uma culpa, se nunca lançou-se aos pés de Jesus Cristo implorando-lhe misericórdia e graça, faça-o agora.

Comecei declarando neste capítulo que a Palavra de Deus se constitui em más notícias antes de ser uma boa nova. Já anunciei todas as notícias más: que você é pecador, que não pode salvar-se a si mesmo. Você já está sob condenação. Portanto, passo a anunciar a boa nova: independentemente da gravidade do seu pecado, independentemente da grande corrupção que você percebe em seu coração, se você pedir a Deus o perdão, se confessar a Ele a sua culpa e apresentar-lhe suas necessidades, elas lhe serão instantaneamente removidas, e sua natureza será inteiramente renovada. Você precisa apenas dizer, em Nome de Jesus, “Deus, tem compaixão de mim, pecador”, e Ele o salvará no mesmo instante.

O PROBLEMA QUE SOMENTE DEUS PODIA RESOLVER

“Tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.”

Romanos 3.26

O problema que somente Deus podia resolver é o perdão do pecado. Muitas pessoas, criadas segundo a tradição cristã, nunca reconheceram ser isto um problema. Seu conceito de Deus e suas idéias sobre o pecado são tão confusos que não percebem qual é a dificuldade da questão. A atitude de milhões de pessoas no que diz respeito ao pecado é refletida na observação zombeteira de certo crítico que disse: “Certamente creio que Deus perdoa pecados; afinal, é negócio dele mesmo”. Outros não sentem a necessidade do perdão. O poeta americano, Walt Whitman, diz: “Os animais não ficam acordados a noite inteira chorando por causa dos seus pecados, e nós também não devemos fazê-lo”.

Embora milhões de pessoas não tenham sentido qualquer problema quanto ao perdão dos pecados, considerando o assunto como matéria vencida, outras tantas rejeitam inteiramente o conceito de pecado. Os grandes pensadores de outras eras reconheceram a realidade da culpa, e compreenderam que existe uma dificuldade real. Lutero percebeu claramente o problema. Lutou com ele durante muitos anos amargos e angustiantes, e quando, finalmente achou a solução na carta de Paulo aos Romanos, foi o maior reavivamento que a igreja já experimentou desde o derramamento do Espírito Santo no Pentecostes. A Lutero devemos não somente a redescoberta da solução do problema, como também a maneira de exprimi-la em palavras. O problema é: como Deus pode ser justo e ao mesmo tempo perdoar os pecados? F.F. Bruce, no seu comentário sobre Romanos, mostra-nos como o poeta romano, Horácio, oferecendo diretrizes básicas para os escritores de tragédias daquela época, critica os que apelam com demasiada facilidade ao artifício de trazer ao palco um deus para solucionar os emaranhados detalhes desenvolvidos no decurso do enredo. O conselho que Horácio dá aos dramaturgos contemporâneos é no sentido de não colocarem em cena um deus, a não ser que o problema seja tão grave, que haja necessidade da presença de um deus para solucioná-lo. Lutero tomou para si estas palavras, aplicando-as ao perdão dos pecados: “Temos aqui um problema que precisa de Deus para a sua solução”.

Chegamos neste capítulo à passagem em Romanos onde Lutero descobriu a solução. Nesta parte de Romanos, no capítulo 3, Paulo nos oferece, antes de qualquer coisa, uma declaração exata da natureza do problema, e em seguida, uma explicação exata da solução.

Examinemos em primeiro lugar a definição que Paulo nos dá do problema da salvação dos pecadores. O primeiro requisito para a solução de qualquer problema é saber qual é realmente o problema. Se você tem lutado com um problema por muito tempo, levando-o a um amigo, você já sabe o que significa receber uma resposta fácil que oferece uma solução errônea e artificial. Quando isso acontece, você fala um pouco contrariado: “Mas você não entende o problema...”. Há hoje em dia um grande número de pessoas com respostas fáceis e inconseqüentes para o problema humano; no entanto, suas respostas demonstram que realmente elas não entendem do que falam. E é a falha do entender o problema do pecado que levou o homem às dificuldades que enfrenta atualmente. Parece que o pecado não constitui problema algum para milhões de pessoas. Caso encontram alguém que se preocupa com isso, alguém que se perturba pela culpabilidade do próprio pecado, têm-no na conta de um fanático, pensam que tal pessoa precisa da psicanálise e não da salvação. O exame clássico de uma consciência culpada acha-se na grande obra de Bunyan, “Graça Abundante”, mas é considerado hoje – até por muitos membros de igrejas – como exagero, ou mórbida e trágica obsessão. É um truísmo dizer que nenhum problema pode ser solucionado até ser entendido, e que nenhuma solução ao problema humano se nos apresentará até que entendamos o problema do pecado.

O pecado é problema por duas razões: a primeira é que a natureza do homem, conforme demonstramos no capítulo passado, é totalmente depravada. Ele é corrupto; é totalmente incapaz de salvar-se a si mesmo. Não pode remover a culpa do seu próprio pecado, e não consegue se desvencilhar do poder que o pecado exerce sobre ele, prendendo-o. Não pode sarar as chagas, não pode curar a doença. Do ponto de vista humano, o pecado não tem solução nem cura. Esta é a primeira parte do problema.

Há, porém, outra dificuldade no problema do pecado, que existe em conexão com a natureza de Deus, e é este um ponto central que a maioria dos homens modernos deixa de perceber. O pecado se constitui em problema justamente porque Deus é justo. Foi este o problema de Lutero. Como pode o Deus absolutamente justo perdoar o pecado? Ele é o Juiz de toda a terra, e, “Não agirá retamente o Juiz de toda a terra?” Deixar passar uma injustiça, ignorar um crime, não tomando conhecimento dele, é um ato de injustiça tão grande quanto a condenação de inocentes. A dificuldade quanto ao perdão dado ao homem acha-se na justiça divina.

A pergunta não é somente: Quem pode perdoar pecados senão somente Deus: e sim mais profundamente: Como pode o próprio Deus perdoar pecados? Deus é justo, e a justiça significa que as exigências da lei devem ser cumpridas. A penalidade do pecado precisa ser paga. Isto é necessário num universo moral, e é este problema que somente Deus, onipotente e onisciente poderia resolver. Ele o solucionou mesmo, e o resultado disto é um evangelho glorioso para ser pregado aos pecadores.

Vamos agora examinar a solução do problema. Nesta seção de Romanos 3 não somente anuncia o fato do perdão, como também se nos apresenta uma declaração cuidadosa e analítica que demonstra como Deus perdoa nosso pecado.

Antes de examinarmos a declaração integral da solução do problema da culpa e do pecado, quero fazer uma pequena pausa para dirigir a atenção do leitor à coisa maravilhosa que é o perdão. Um dos grande estudiosos do Novo Testamento, que viveu no século XIX, disse: “Quanto mais vivo, quanto mais importante e maravilhoso me parece o perdão dos pecados.” O fato do perdão é proclamado tanto no Antigo Testamento como no Novo. O sinal da nova aliança, segundo a descrição de Jeremias é: “Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao SENHOR, porque todos me conhecerão, desde o menor até o maior deles, diz o SENHOR. Pois perdoarei as suas iniquidades, e dos seus pecados jamais me lembrarei” (Jr 31.34). Deus anuncia ao Seu povo: “Desfaço as tuas transgressões como a névoa, e os teus pecados como a nuvem; torna-te para mim, porque eu te remi” (Is 44.22). As riquezas da graça perdoadora de Deus são proclamadas em todas as partes do Novo Testamento, e são demonstradas na terra através do ministério público de Jesus Cristo, que disse aos pecadores: “São perdoados os teus pecados; vai e não peques mais”. O perdão, portanto, é um fato, uma realidade. É ponto central da fé cristã, sendo *sui generis* e distinto, porque se encontra somente no Evangelho glorioso de Jesus Cristo.

Este Evangelho de Cristo, no entanto, não proclama somente o fato do perdão; ensina-nos como Deus perdoa os pecados. Pelo Evangelho, ficamos sabendo que Deus solucionou o problema do pecado e da desobediência através do Seu Filho, Jesus Cristo. Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo (II Coríntios 5.19). Jesus Cristo é o único Mediador entre Deus e o homem. Ele é o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por Ele (João 14.6).

O Evangelho, no entanto, faz algo mais do que nos ensinar de modo geral que Deus nos aceita por amor a Jesus. O Novo Testamento é muito mais exato do que isso. Descrevendo como Deus perdoa os nossos pecados, indica-nos a cruz. É na morte de Cristo que a expiação é feita.

Segue-se aqui a transcrição da declaração exata que responde à questão do problema que somente Deus poderia solucionar. Solucionou-o em Cristo, e foi da seguinte maneira:

“Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas; isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem; porque não há diferença. Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus; sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus.”

Esta é uma passagem que cada crente deve saber de memória. É a passagem que cada pregador deve ter como base de todos os seus ensinamentos e na pregação do Evangelho de Cristo. O Evangelho muitas vezes é descrito em termos gerais como demonstração do amor de Deus; este amor, porém, esta misericórdia e graça de Deus, que resulta no perdão dos pecados, deve ser sempre interpretada à luz do restante da revelação da Bíblia, demonstrando como e por que Deus pode perdoar o pecado. O pecado é apagado porque a sua penalidade já foi paga pelo sangue de Jesus derramado na cruz. Na morte de Cristo Jesus, foi cumprida aquela maravilhosa profecia: “Encontram-se a graça e a verdade, a justiça e a paz se beijaram” (Salmos 85.10). Deus resolveu o problema do pecado, tomando sobre Si a culpa pelo pecado na Pessoa de Seu Filho, Jesus Cristo. “Aquele que não conheceu o pecado ele o fez pecado por nós; para que nós fôssemos feitos justiça de Deus” (II Coríntios 5.21). Sua justiça foi satisfeita em quem foi paga a penalidade: houve uma morte para expiar o pecado, e era a morte do próprio Filho de Deus, e, quando foi cumprida, Ele exclamou triunfante, “Está consumado!” Por essa razão, todo crente pode agora cantar alegre:

“Completo-se a grande transação,
Sou do Senhor, e Ele é meu.”

Ainda acima, eu disse que os homens que mais claramente perceberam o problema do pecado – homens como Lutero e Bunyan – são os mesmos que exprimiram a mais sublime alegria e gratidão na solução do mesmo. Bunyan fala em nome de todos os crentes que já compreenderam o problema do pecado quando diz, em sua autobiografia clássica: “Enquanto andava para cima e para baixo na casa, como quem chegou ao limite da angústia, aquele trecho da Palavra de

Deus tomou posse do meu coração: 'sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus' (Romanos 3.24). Mas, oh, quão grande o transtorno que isso me causou. De repente eu fiquei como alguém que desperta de um sonho perturbador. Ouvindo a sentença celestial, senti-me como se estivesse escutando a seguinte explicação: 'Pecador, tu pensas que, por causa dos teus pecados e das tuas enfermidades, Eu não posso salvar a tua alma, mas eis que o Meu Filho está ao Meu lado e é para Ele que Eu olho, e não para ti, e, assim, Minha maneira de tratar contigo é de acordo com a minha satisfação nEle'."

Nosso interesse aqui, no entanto, não é meramente doutrinário ou acadêmico. Minha preocupação não é oferecer-lhe uma solução intelectual à dificuldade que há no perdão dos pecados. Minha preocupação é no sentido de você tirar benefício da solução, e você pode fazer isso, se confessar seus próprios pecados em Nome de Jesus, pedindo o perdão da parte de Deus. Nesta matéria a Bíblia é muito explícita. Depois de ser declarada a promessa de que o sangue de Jesus, o Filho de Deus, nos purifica de todo pecado, registra-se a seguinte orientação: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda injustiça" (I João 1.9). Se você ainda não fez assim, não quer fazê-lo agora? Curve a sua cabeça em oração e entregue sua vida a Deus em Jesus Cristo.

A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ

“Pois, que diz a Escritura? Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça.” – Romanos 4.3

Completamos a primeira etapa da exposição que o grande apóstolo faz da fé cristã, nestes estudos da carta de Paulo aos Romanos. Na parte anterior da carta, demonstrou a necessidade universal que há da salvação. Tendo examinado a condição de justiça, isto é, a situação e desempenho morais tanto dos judeus como dos gentios, conclui que não há diferença, sendo que todos pecaram e carecem da glória de Deus. Então, passa a nos mostrar que é exatamente a esta altura que Deus assume o comando da situação. As divisões em versículos são convenientes para achar referências na Bíblia, mas – às vezes – perdemos alguma verdade muito importante se lemos a Bíblia por versículos ao invés de por frases completas como se faz em livros comuns. Gostaria de mostrar-lhe como se aplica isto numa passagem-chave no capítulo 3. Aqui está a frase completa: “Porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus; a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé” (Rm 3.22b-25a). Esta frase nos ensina não somente como Deus solucionou o problema do pecado e da culpa do homem, como também que Ele o solucionou quando o homem estava completamente sem esperança. A solução que Deus oferece ao problema da culpa do homem, justificando o pecador culposo pela graça, mediante a fé, e a mensagem central da Bíblia. É este o Evangelho de Jesus Cristo.

No começo desta série de estudos, indiquei o fato de que esta carta de Romanos já foi usada para chamar a igreja do meio da apatia e do erro mais de que qualquer outra parte da Bíblia. A carta aos Romanos trouxe esta renovação e reavivamento à igreja porque nela temos a declaração mais plena deste princípio essencial da salvação – a justificação pela fé. Esta é a doutrina principal da fé cristã. Qualquer erro nesta matéria nos fará incidir em erro e em tudo o mais que se referir à salvação.

Antes de examinar a clara e inspirada exposição que Paulo faz desta doutrina, gostaria de tecer dois comentários preliminares. O primeiro diz respeito à nossa indiferença a essa doutrina, e à nossa negligência da mesma. A doutrina da justificação pela fé é a doutrina em cuja defesa

nossos pais sofreram, se sacrificaram e morreram. Era a descoberta principal da Reforma Protestante do século dezesseis, e sua restauração resultou no maior reavivamento que a igreja já experimentou desde o Pentecostes. É a doutrina pela qual a igreja ou é sustentada ou cai, segundo Lutero, e que Wesley, duzentos anos mais tarde, chamou de a doutrina que revela se o crente está de pé ou não. Ambos queriam dizer a mesma coisa: crer e ensinar significa crer e ensinar o Evangelho de Jesus Cristo, enquanto negligenciá-la ou negá-la significa o abandono do Evangelho de Cristo. Paulo expõe isto de maneira lúcida em Romanos, e o defende em Gálatas. Quando estava sendo atacado este princípio fundamental de justificação pela fé somente, ou quando estava sendo ameaçado de meios termos, Paulo escreveu aos Gálatas: “Mas, ainda que nós, ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vai além do que vos temos pregado, seja anátema.” (Gl 1.8). Esta foi uma advertência à igreja do primeiro século, e, se entendemos a nossa própria época, perceberemos que a advertência se dirige à nossa situação hoje. Os que deixam de lado a doutrina da justificação do pecador, mediante a fé, e da total necessidade da salvação individuais, considerando-a irrelevante, e que mudam em evangelho de ação política, econômica e social que visam exclusivamente valores materiais, pregam, na realidade, outro evangelho, merecendo assim a condenação por parte do apóstolo. Devemos pregar o Evangelho da redenção mediante a morte de Cristo, o evangelho da necessidade da justificação do pecador, não somente por este ser o Evangelho que Deus nos revelou, e não somente porque satisfaz as necessidades mais profundas do homem, mas também porque a história nos ensina que somente mediante este evangelho é que recebemos as reformas sociais tão urgentemente desejadas e necessárias. A igreja dos nossos dias precisa mais uma vez atender a chamada que nos manda pregar o Evangelho, o Evangelho da justificação pela graça mediante a fé.

O segundo comentário preliminar diz respeito ao método que Paulo usa quando trata do assunto. Em primeiro lugar, há a exposição completa da doutrina propriamente dita, que começa no versículo 21 do capítulo 3, e continua para dentro da primeira parte do capítulo 4. Então, após a exposição, Paulo ilustra a doutrina evangélica ao descrever a salvação de Abraão. Desta forma, ensina de dois modos diferentes a justificação pela fé: pelo preceito e pelo exemplo. É importante que percebamos isto, porque assim poderemos entender o capítulo 4, que parece ocupar-se exclusivamente com a fé de Abraão. Esta longa explicitação da fé de Abraão, com um referência adicional a Davi, nos mostra que existiu sempre um único meio de salvação. Tanto na época do Antigo Testamento como na do Novo Testamento, os homens têm sido salvos

pela graça e justificados pela fé. O princípio *pela graça mediante a fé* é o ensino de toda a Bíblia. Paulo cita o exemplo de Abraão para demonstrar que esta não é uma nova doutrina: o Evangelho de Cristo é o cumprimento da promessa original que Deus fez a Abraão e a todo o Seu povo.

Esta explicação se faz necessária nesta altura, porque existem muitos que têm um conceito errado da Bíblia nesta matéria, pensando que o Antigo Testamento ensina a salvação mediante a lei e as obras, e que o Novo Testamento é que ensina a salvação pela graça. Paulo demonstra a falsidade de tal conceito. Quando introduz o princípio da graça no capítulo 3, diz que foi testemunhada pela lei e pelos profetas (Romanos 3.21). A unidade da Bíblia a respeito dessa matéria ilustra-se com clareza no fato de que neste capítulo, tratando da doutrina da justificação pela fé, tomamos nosso texto do quarto capítulo de Romanos, que diz: “Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça”, sendo que esta expressão é uma citação direta que Paulo tira do Antigo Testamento. Quando Paulo procura uma declaração nítida do princípio da justificação pela fé, pergunta: “Pois, que diz a Escritura?” e tira a sua própria resposta, citando este versículo de Gênesis. Gênesis nos ensina o significado da justificação pela fé. Numa declaração expandida, podemos dizer: “Deus, sem nenhum mérito realmente meu, concede-me, apenas por sua graça, os benefícios da perfeita expiação de Cristo, imputando-me sua justiça e santidade, como se eu nunca tivesse cometido um simples pecado ou jamais tivesse sido pecador, tendo cumprido eu mesmo, toda a obediência que Cristo executou por mim, se somente aceito tal favor com um coração confiante.” (Catecismo de Heidelberg, pergunta 60 – Transcrito de “O Livro de Confissões.”)

Gostaria agora de convidar o leitor a prestar atenção a quatro pontos chaves na doutrina bíblica da justificação.

Em primeiro lugar, a justificação é um ato de Deus. É aqui que Paulo começa. Indica que Abraão creu em Deus, o que significa que creu na promessa de Deus. No capítulo 8, diz: “É Deus quem os justifica. Quem os condenará?” A justificação é um ato de Deus; não somos nós que nos justificamos a nós mesmos. Esta verdade deve ser enfatizada porque o nosso modo de pensar centraliza o homem, hoje em dia, que até nosso conceito da salvação é completamente baseado no homem. Tal conceito invade nosso pensamento de modo inconsciente. Recentemente, um estudioso no campo da teologia histórica mencionou-me que tinha saído um novo livro sobre a justificação, escrito por um evangélico. Reconheceu os méritos do livro, porém, passou a mostrar que, no livro inteiro, o escritor não citou uma só vez que é Deus quem justifica o

pecador. Sutilmente, hoje em dia, encontra-se uma forma de se falar da própria graça, sem, contudo, mencionar-se o Deus dessa graça.

Essa falha de não haver ressalvas, de que é Deus quem justifica o pecador, é também uma das raízes da insegurança e instabilidade de tantos cristãos atualmente.

É somente porque Deus justifica o pecador, que temos a segurança da salvação. Atente mais uma vez para aquela declaração triunfante: “É Deus quem os justifica. Quem os condenará? Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus?” É somente porque Deus justifica o pecador que podemos cantar:

“Meu Deus está reconciliando,
Ouço Sua voz pronunciando o perdão,
Ele me chama Seu filho,
Nada mais posso temer.”

O segundo ponto do argumento de Paulo é que a justificação é pela graça, sem qualquer mérito nosso. A graça é a atitude favorável de Deus para com o pecador, e não a inserção de alguma qualidade em sua vida. A graça é o favor não merecido. O perdão que recebemos pelos nossos pecados é o dom de Deus, não merecido da nossa parte. Veja com quanta clareza Paulo exclui quaisquer razões humanas quanto à base ou razão de ser da nossa aceitação diante de Deus: “Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei” (Rm 3.28). No capítulo 4, a mesma doutrina aparece nas seguintes palavras: “Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e, sim, como dívida. Mas ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica ao ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça” (Romanos 4.4,5).

Paulo cita Abraão como exemplo da justificação somente pela fé, porque Abraão creu na promessa de Deus, e isso lhe foi imputado como justiça, e também para demonstrar que, se um homem como Abraão, que foi chamado amigo de Deus, não pudesse ser justificado pelas obras, então, não existe pessoa alguma que possa ser justificada assim. O próprio Abraão é um exemplo do princípio de que todos pecaram e carecem da glória de Deus. O pecar significa errar o alvo. Alguns ficam longe mais do alvo do que outros, mas todos erram o alvo. No verão passado, estive com uns amigos no cume da maior duna de areia do mundo, a duna do Urso Adormecido, no norte de Michigan, EUA. Esta grande duna de areia tem vários quilômetros de comprimento, e mais de seis quilômetros de largura. A orla ocidental é um declive íngreme e abrupto que cai até chegar ao Lago Michigan. Estávamos em pé na beira

da duna, olhando para baixo, de onde se descortinava o lago, a umas centenas de metros. Tinha-se a impressão de que o lago ficava exatamente abaixo dos nossos pés; parecia-nos a coisa mais fácil de se fazer, o jogar-se uma pedra na água. Começamos então a atirá-las, e alguns conseguiram atirar mais longe do que outros, mas nenhuma das pedras conseguiu sequer atingir o lago lá embaixo. Foi uma experiência frustrante; parecia tão fácil, porém, quando atirei a pedra usando toda a minha força, ela se perdeu, sem produzir ruído algum nas areias da duna, não completando talvez a metade do percurso. Somos salvos exclusivamente pela graça, porque todos pecamos e carecemos da glória de Deus.

O terceiro ponto nesta declaração resumida diz respeito à natureza da justificação. Já vimos que é Deus que justifica o pecador, e que Ele o faz exclusivamente pela graça; mas, afinal, o que é que Deus faz quando nos justifica? O que é justificação? A justificação consiste de duas partes. A primeira é o perdão. Na justificação, Deus trata da culpa do pecado, e Seu modo de liquidar o assunto é cancelá-lo. Perdoa os culpados. Paulo tira do Salmo 32 apoio para o seu argumento: “É assim que Davi declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça independentemente das obras: Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos; bem-aventurado o homem a quem o Senhor jamais imputará pecado.” (Romanos 4.6-8). Isto explica por que a justificação é sempre instantânea e completa. Não existem graus de justificação, porque não há diferentes graus de perdão. Ou um homem é perdoado ou não é. E já que a justificação é – antes de tudo – o perdão dos nossos pecados, uma vez que a pessoa é justificada, ela o é completamente. O mais novo crente é tão completamente justificado na totalidade do seu pecado como a pessoa que já é cristã durante muitos anos.

A segunda parte da justificação é a imputação da justiça de Cristo para conosco. Deus, como reto Juiz, exige a justiça naqueles que são aceitos e aprovados por Ele. Não temos em nos mesmos a capacidade para oferecer a Deus tal justiça. O pecado considerado de um ponto de vista é como uma dívida enorme, que não temos a mínima possibilidade de pagar, e até os respectivos juros estão fora do nosso alcance. Deus, porém, aceita a justiça de Cristo como se fosse a nossa própria. A palavra *imputar* significa literalmente *lançar em nossa conta credora*, e mediante o ato gracioso na Justificação, a Justiça de Cristo é computada em nosso crédito. É por essa razão que, na primeira declaração do evangelho que Paulo faz nesta carta, diz: “Pois não me envergonho do Evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se

revela no Evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé” (Romanos 1.16,17).

O quarto ponto salientado por Paulo na sua exposição da justificação é que ela é adquirida mediante a fé. Somente podemos recebê-la como dom de Deus; não há nenhuma outra maneira pela qual podemos merecê-la. Esta fé não é uma obra meritória da nossa parte, porque a própria capacidade de crer é, em última análise, um dos de Deus. É por isso que um dos pregadores puritanos da antiguidade, eliminando qualquer conceito de obras ou mérito inerente à fé, disse: “A fé é apenas a mão aberta que recebe”.

Neste capítulo, fica então esclarecido o princípio fundamental do Evangelho de Cristo. Seu pecado pode ser perdoado. Há em Jesus Cristo perdão para a sua culpa. Ele já pagou a penalidade mediante a Sua morte na cruz. Eliminou a culpa; e, se você deposita nEle toda a sua confiança, você também poderá ser justificado. É o que queremos dizer a você em nosso convite: “Crê no Senhor Jesus, e serás salvo”.

PAZ, GOZO E ESPERANÇA

“Justificados, pois, mediante a fé, tenhamos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.”

Romanos 5.1

A palavra “pois” nesta declaração que Paulo faz indica que está sendo feita uma transição importante nesta carta aos Romanos. Já terminou a primeira parte da sua explanação e exposição da fé cristã. Demonstrou a necessidade universal da salvação. Como ele nos lembra: “Todos pecaram e carecem da glória de Deus. Não há quem faça o bem, não há nem um sequer”. Além disso, já nos mostrou como Deus atende a necessidade do homem mediante o evangelho de Jesus Cristo, oferecendo o perdão gratuito ao pecador, mediante a morte de Cristo na cruz. É por essa razão que o Evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê.

Antes de o apóstolo proceder ao segundo principal ponto da sua exposição, faz uma pausa, enumerando os benefícios que são nossos por termos sido justificados mediante a fé no Senhor Jesus Cristo. Menciona três deles: primeiro, temos paz com Deus; segundo, gloriamos-nos na esperança da glória de Deus; e, terceiro, temos uma esperança que não nos confunde que não nos decepcionará. Fazendo uma pequena pausa para enumerar tais benefícios, exclamemos como Toplady:

“Quão vastos os benefícios divinos
que nós, em Cristo, possuímos!”

Em nosso estudo desta seção da carta de Paulo aos Romanos, vamos, antes de tudo, considerar o valor de todos os benefícios em conjunto. A paz, o gozo e a esperança – o simples mencionar desses dons é o suficiente para nos lembrar que são estes os alvos visados por todos os homens, e com que esforço! No Evangelho de Jesus Cristo, não se trata, porém, de meros sonhos, ideais ou alvos; já é uma realidade. O Evangelho não diz aos homens: “Busquem a paz, e talvez a acharão algum dia”. No Evangelho de Cristo, a paz, o gozo e a esperança se tornaram em realidade e posse atual. Vamos ler mais uma vez aquela declaração: “Justificados, pois, mediante a fé, tenhamos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5.1). Este tema é uma

constante no Novo Testamento, e é a mensagem central desta carta aos Romanos que agora estamos estudando. Este é o Reino de Deus, como Paulo nos indica em Romanos 14.17: “Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz e alegria no Espírito Santo”. Estes dons e benefícios tão desejáveis nos são oferecidos através do Evangelho, como se vê na bênção final que Paulo pronuncia sobre a igreja: “E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos de esperança, no poder do Espírito Santo” (Rm 15.13).

Estou fazendo esta declaração preliminar ao exame detalhado dos dons, a fim de que você entenda que, quando aqui falamos de contexto do Evangelho de Cristo em matéria de paz e gozo e esperança, não se trata de meros sonhos e aspirações, e, sim, da realidade. Se você não faz parte da Igreja de Jesus Cristo, gostaria que existisse alguma maneira de persuadi-lo a visitar o culto na igreja evangélica. Se você pudesse escutar o povo cantando, se você pudesse olhar em seus rostos, se você pudesse dar-lhes um aperto de mão; ficaria sabendo que eles são, aqui e agora, os possuidores da paz, do gozo e da esperança. E você não precisa ficar ali, contemplando tudo pelo lado de fora, porque, se você se aproximar de Cristo mediante a fé, você também poderá ter paz, gozo e esperança.

Examinemos agora separadamente estes dons e benefícios. O primeiro dom que o Evangelho de Cristo nos oferece é a paz. Precisamos defini-la muito cuidadosamente. Trata-se da paz com Deus. É sinal característico de nossa época que a palavra *paz* se encontre nos lábios dos homens talvez mais do que em qualquer outra época da história humana. Há pessoas que trabalham e lutam desesperadamente em prol da paz entre as nações, enquanto se evidencia mais o fato de que as contendas internacionais não constituem o nosso único problema. Há outras áreas de conflito: há uma profunda discórdia nos EUA, entre grupos raciais, sociais e econômicos; em todos os setores há urgente necessidade de paz.

Quando, porém, chega até nós o poder do Evangelho, oferecendo-nos a paz, revela-se a existência de uma necessidade mais profunda e um dom mais sublime. Ainda que pudéssemos solucionar todos os problemas que mencionei, e com os quais tanto nos preocupamos; ainda que fosse possível fazer cumprir um acordo entre as nações, garantindo-nos a total ausência de guerra durante cem anos; ainda que se solucionassem todas as diferenças entre as diferentes raças e grupos econômicos e sociais; ainda que pudéssemos nos libertar da amargura, da contenda, e das queixas, o homem como homem não gozaria a paz enquanto permanecesse alienado de Deus. A Bíblia nos diz que o verdadeiro problema do homem é a sua alienação de Deus, e o vazio que há no seu íntimo.

É esta a necessidade que o Evangelho vem preencher e satisfazer, ao oferecer-lhe a paz com Deus, e que ninguém o engane dizendo que isto é irrelevante. Realmente, a paz com Deus é a sua primeira e principal necessidade. Você descobrira uma declaração evidente, em detalhes desse fato em cada trecho do Evangelho Novo Testamentário. “Deus estava, em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação” (II Co 5.19). Esta paz com Deus não somente nos dá contentamento e serenidade interiores; não somente remove aquela terrível sensação de culpa que corrói nossa consciência. Porém a paz do Evangelho dá-nos acesso a Deus (Romanos 5.2). Torna-se cada vez mais evidente o fato de não podermos solucionar nossos problemas sociais sem a ajuda de Deus. O Evangelho realmente satisfaz todas as necessidades individuais e sociais, mas primeiro precisamos seguir a ordem de preferência estabelecida por Deus. O primeiro benefício é paz com Deus, e, aceitarmos tal dádiva, vivendo à altura, aplicando-a a todos os outros problemas, também estes poderão ser solucionados através do glorioso Evangelho de Jesus Cristo. A palavra que penetrou no mundo com o nascimento de Cristo: “Glória a Deus nas alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem” é a palavra de Deus, e podemos recebê-la para nós mesmos, a ponto de torná-la nossa; precisamos, no entanto, seguir o caminho de Deus e a ordem de Deus.

O segundo benefício que nos advém do Evangelho de Cristo é o gozo. No Sermão da Montanha, Jesus descreve a nova vida que veio oferecer aos homens. As primeiras nove frases daquele sermão começam com a palavra *bem-aventurados*, quando então Jesus resume a introdução, dizendo: “*Regozijai-vos e exultai*”. A paz e o gozo são bênçãos gêmeas que chegam a nós quando no Evangelho de Cristo. São semelhantes, mas um amigo pregador escocês conseguiu distinguir bem entre elas, dizendo: “A paz é o gozo descansando; o gozo é a paz dançando”.

O que há de maravilhoso no gozo que Cristo nos dá é que ele nos capacita a regozijarmo-nos em todas as circunstâncias, e isto porque Jesus ganhou a vitória sobre o mundo. Falando aos Seus discípulos no Seu discurso de despedida em João, diz Ele: “No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo”. Quando Paulo fala aqui em Romanos, de nos regozijarmos na esperança da glória de Deus, explica que este é o tipo de gozo que sabe enfrentar as dificuldades. Diz: “E não somente isto, mas também nos gloriemos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança”. Através do gozo que nos advém do Evangelho de Cristo, e do perdão dos nossos pecados, desenvolve-se no crente a paciência e perseverança em todas as provações, e isto tem

como resultado um caráter maduro, resultando numa esperança firme e sólida.

Chegamos assim ao terceiro dom que Paulo menciona no fim dessa seqüência: a esperança. Ninguém pode realmente viver sem esperança. Esta verdade é demonstrada claramente na literatura secular universal. O primeiro século foi uma época em que se perdeu toda e qualquer fé nas religiões. Produziu-se uma literatura em que o pessimismo era uma constante. Paulo descreve a época, dizendo que as pessoas de então viviam sem esperança e sem Deus. A esperança é a expectativa de algo bom que há de vir. Uma das filosofias mais aceitas hoje em dia é a que diz que vivemos somente o momento presente; isto é apenas uma meia verdade. É um fato que somente o presente momento nos pertence realmente quanto à nossa experiência propriamente dita. Mas ninguém vive no momento atual além da consciente presença de uma sensação ou experiência emocionante. Cada ser humano realmente olha para a frente, para o futuro. Seja o que for que você esteja fazendo neste momento, está na expectativa de algo – seu próximo aumento salarial, seu casamento, sua próxima promoção, a formatura, a hora que estiver quites com o serviço militar, o dia em que tiver direito sobre uma herança, ou aposentadoria. Não é verdade que vivemos na expectativa de algo bom? São estas as nossas esperanças humanas. Muitas delas serão concretizadas, nenhuma delas, no entanto, é garantida.

A esperança que temos em Cristo, esta sim, é certa e segura: “Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado” (Romanos 5.5). Percebemos, portanto, que a esperança específica que nos vem mediante o Evangelho é a esperança de futura glória e eterna bem-aventurança. O Evangelho responde à única pergunta que alguém poderá erradicar completamente da sua cogitação: “Se o homem morrer, tornará a viver?” A resposta do Evangelho, caso ele o aceite, é: sim, viverá em Cristo, viverá em perfeita paz, em perfeito gozo, para toda a eternidade. A esperança cristã não nos desiludirá, e é daquela herança descrita por Pedro em sua primeira carta, dizendo que há reservada para nós, uma herança incorruptível, sem mácula, que não murcha, no próprio céu. A esperança do Evangelho é a esperança de ver a Cristo, esperança da perfeita comunhão e convivência fraternal com Deus, a esperança de nos reunirmos com nossos queridos que já estão na glória com Cristo. A promessa de que todos os que estão em Cristo ficarão para toda a eternidade com o Senhor é a esperança que não sofrerá decepção.

Neste estudo dos benefícios da nossa justificação, falta-nos ainda destacar uma verdade, que é o modo pelo qual estes benefícios foram obtidos para nós. Leiamos mais uma vez o versículo: “Justificados, pois,

mediante a fé, tenhamos paz por meio de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5.1). A paz, o gozo, e a esperança nos chegam através de Jesus Cristo. Deus estava em Cristo reconciliando consigo mesmo o mundo. Esta reconciliação foi realizada na cruz, e sua validade é garantida na ressurreição de Cristo Jesus. Todos os benefícios dos quais falamos dependem de um único acontecimento histórico – a expiação pelo pecado que Jesus Cristo levou a efeito no Calvário; Isto foi feito de uma vez por todas. É por isso que Paulo diz: “Porque ninguém pode alcançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo” (1 Co 3.11). Por esta razão podemos cantar:

“Em nada ponho a minha fé,
Senão na graça de Jesus
No sacrifício remidor,
No sangue do meu Redentor
A minha fé e o meu amor
Estão firmados no Senhor,
Estão firmados no Senhor.”

Tudo quanto possuímos é-nos outorgado através de Cristo. “Por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriemo-nos na esperança da glória de Deus” (Rm 5.2). Na qual estamos firmes! Paulo considera o crente como alguém que fica de pé num santuário protegido, guardado, e mantido com toda segurança, dos seus inimigos. Colocado em tal lugar, pode contemplar confiante e seguro todos os seus inimigos e as forças malignas que o ameaçam. A graça na qual estamos firmes é a graça de Deus em Cristo Jesus. Paulo desenvolve esta verdade, na sua magnífica peroração no capítulo 8, dizendo: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” “Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem coisa presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 8. 38,39).

Tudo isto lhe pertence se você permanece em Cristo pela fé. Sendo justificado mediante a fé, você já tem paz com Deus. Agora lhe digo, pois, regozije-se nesta esperança da glória de Deus, pois esta é a mensagem do Apóstolo. E se você não crê em Cristo, seja você quem for, ou por mais grave ou maior que seja o seu pecado, se você confessá-lo ao Senhor Jesus, e nEle confiar como seu único e suficiente Salvador, digo-lhe que tudo isto lhe pertencerá. “Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos,

serás salvo. Porque com o coração se crê para a justiça, e com a boca se confessa a respeito da salvação” (Rm 10.9,10).

A RECONCILIAÇÃO

“Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida.” Romanos 5.10

Esta frase-chave nos revela claramente que chegamos a uma passagem tradicional na carta aos Romanos. Paulo fala aqui de alguma coisa que já está feita em prol da salvação do pecador, e de algo que ainda está para ser feito. Coloca o pecador, quanto à sua salvação, entre dois grandes atos de Deus. Aquilo que já está feito é a justificação do pecador. Paulo menciona este aspecto na primeira frase do capítulo, quando diz: “Justificados, pois mediante a fé, tenhamos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”. É no fim do versículo 10 que se acha o aspecto a ser realizado: “Muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida”. Aqui, ele já está antecipando a santificação do pecador e sua glorificação final.

O Novo Testamento não nos deixa nunca perder de vista o fato de que há duas etapas na salvação de qualquer pecador. Já que as duas se nos apresentam aqui juntas, nesta passagem, transicional, seria bom fazermos agora uma distinção entre elas. A justificação é o que Deus faz *para* nós; a santificação é o que Deus faz *em* nós. Na justificação, Deus soluciona a questão da penalidade do pecador, cancelando-lhe a culpa; na santificação, Deus soluciona a questão do poder do pecado, rompendo o domínio que ele exerce sobre nós. Pela justificação, Deus imputa a nós a justiça de Cristo. A justificação remove a culpa do pecado; a santificação remove sua respectiva mancha. É esta a plena salvação de que cantamos no grande hino de Toplady:

“Sê do pecado a dupla cura,
lava-me da sua culpa e do seu poder”

Paulo lança mão desse trecho transicional entre a justificação e a santificação para nos apresentar uma das doutrinas fundamentais do Novo Testamento, a doutrina da reconciliação. “Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida.” (Romanos 5.10). É evidente que Paulo assim procede neste trecho, a fim de nos lembrar qual é a verdadeira base da nossa justificação e santificação. Deve ser de grande proveito para nós estudarmos

cuidadosamente a exposição que o apóstolo faz da doutrina neotestamentária da reconciliação, por ser esta doutrina tão necessária à correta compreensão do Evangelho, e porque ela tem sido torcida e mal interpretada em nossos dias. A declaração mais completa que descreve a reconciliação se acha em II Coríntios 5.18,19: “Ora, tudo provém de Deus que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, a saber, que Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos cfou a palavra da reconciliação.”

A teologia moderna, com toda a razão, destaca a reconciliação, com uma das palavras-chaves da mensagem do Evangelho de Jesus Cristo, registrada no Novo Testamento; no entanto muitos eclesiásticos e teólogos modernos têm separado a palavra do contexto neotestamentário do seu computo geral. Há hoje em dia uma tendência generalizada de se interpretar a reconciliação exclusivamente em termos da reconciliação entre um homem e outro, de tal maneira que o Evangelho meramente social da reconciliação é definido e praticado em uma simples base. E esta é a base teológica que tem merecido considerável ênfase quanto à ação social. Para muitos hoje, o ministério da reconciliação transformou-se em ministério puramente político, econômico e social. Não desejo de modo nenhum dar a impressão de não haver responsabilidade alguma por parte do cristão individualmente, ou mesmo pela igreja; quero apenas dizer que, se reduzimos o ministério cristão da reconciliação a uma atividade meramente humanística e social, esta não é a pregação nem a prática do Evangelho.

A primeira coisa que o Novo Testamento nos ensina acerca da reconciliação é que se trata da reconciliação entre Deus e o homem, e que seu alvo primário é a remoção do pecado e da culpa. Paulo, para evitar qualquer mal entendido quanto a isso, acrescenta às suas palavras em Coríntios, tratando da salvação: “não imputando aos homens as suas transgressões” (II Co 5.19). É esta a chave para o significado bíblico da reconciliação. É esta a mensagem a nós transmitida; é a mensagem da reconciliação entre Deus e o homem, e diz respeito ao pecado. Paulo acrescenta mais detalhes no versículo 20, dizendo: “De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus. Àquele que não conheceu o pecado, ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (II Co 5.20,21).

Temos aqui, portanto, uma declaração clara do significado da reconciliação no Novo Testamento. É de grande importância que entendamos isso, porque é o fundamento de todas as atividades na igreja. Temos aqui a resposta à questão mais crucial na igreja hoje: Qual o

evangelho que pregamos? Qual é a missão da igreja? As páginas que acabamos de ler nos ensinam com clareza que os que fazem com que esta missão seja exclusivamente um ministério de ação política e social está exatamente repudiando o Evangelho histórico. Esta verdade também vem à tona no emprego contínuo da palavra “relevante” nos círculos eclesiásticos e teológicos dos nossos dias. Constantemente é-nos dito que devemos fazer relevante a nossa pregação, e fica sempre mais claro que “relevante” quer dizer relevante à nova teologia que interpreta a reconciliação em termos de ação social. É nesta direção que a nova teologia nos quer levar, e pode-se sentir isso na reação negativa que surge em muitos círculos teológicos quando alguém fala em conversão, pecado e perdão.

Que este não é o Evangelho da parte de Deus, o Evangelho da Bíblia é íbvio, não somente mediante a declaração clara da reconciliação que acabamos de examinar, como também, e muito mais, nas exortações apostólicas que nele se baseiam. “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados” (At 3.19).

É este o Evangelho que precisamos ouvir e pregar. A reconciliação com Deus é a necessidade primária do homem. Foi criado à imagem de Deus, e a sua alienação de Deus é a causa da sua frustração, e da sua sensação de estar vazio e perdido. A única esperança para o homem ter uma vida verdadeira aqui na terra, e uma vida de eterna bem-aventurança no porvir, é reconciliar-se com Deus.

Isto nos leva ao segundo ponto importante que precisamos observar na exposição da reconciliação que Paulo nos oferece. Não podemos cogitar deste assunto importante sem fazer perguntas importantes, tais como: O que acontece na reconciliação? Quem é reconciliado com quem? A resposta que Paulo nos dá demonstra de modo claro e sem equívocos que a reconciliação entre Deus e o homem é mútua. Paulo toma como ponto de partida a verdade patentemente clara que o homem, por causa da sua desobediência e da sua rebeldia contra Deus, está em estado de rebelião e guerra contra Deus. Existe uma inimizade, uma hostilidade, entre o homem e Deus.

Afirma-se muito freqüentemente, hoje em dia, que esta hostilidade existe somente da parte do homem, e que, portanto, somente o homem precisa ser reconciliado. Aqui, mais do que em qualquer outro assunto, é necessário examinar com mente aberta a declaração singela e direta do texto bíblico. Preciso confessar durante meus primeiros anos de pregação e ensinamento do Evangelho, titubeava um pouco quanto a isso; deixei-me influenciar pelos grandes nomes no campo das pesquisas bíblicas, que sempre se citavam como homens que repudiavam a idéia de ser necessário que Deus se reconcilie ao homem. Tenho, porém, a convicção

de que, se deixarmos o texto falar por si mesmo, forçosamente chegaremos à conclusão de se tratar de uma reconciliação mútua. O comentário de Sanday em Romanos me ajudou consideravelmente quanto a este aspecto. Diz: “O relacionamento de Deus ao pecado não é meramente passivo, e sim ativo, e o termo propiciação se emprega com propriedade para fazer referência a um agente humano. Alguém é propiciado: ‘E quem será, senão Deus?’” Em seguida, Sanday chama a nossa atenção para o fato de que em Romanos 5.11 Paulo conclui sua exposição da reconciliação, dizendo: “Acabamos agora de receber a reconciliação”. Isto certamente indica que a reconciliação chega ao homem da parte de Deus, não sendo diretamente devida a qualquer ato humano. Este ponto de vista da reconciliação se apoia, outrossim, na saudação usual que Paulo envia nas suas cartas: “Graça e paz a vós outros da parte de Deus Pai”. Após cuidadoso estudo exegético das palavras envolvidas nesta passagem e em outras passagens correlacionadas no Novo Testamento, Sanday chega à seguinte conclusão: “Inferimos que a explicação natural das passagens que falam da inimizade e da reconciliação entre Deus e o homem é que não é unilateral, mas sim, de ambas as partes”.

Devemos agora considerar a objeção prática à doutrina da reconciliação, levantada pelos homens que não sentem qualquer hostilidade para com Deus. Um homem desta natureza pode ler uma passagem tal como Colossenses 1.21: “E a vós outros também que outrora éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas, agora, porém, vos reconciliou...”, sem sentir que tais palavras se apliquem a eles. Suas idéias quanto a Deus são bem vagas, e ele se preocupa pouco ou nada com seus pecados, de modo que, quanto a Deus e quanto ao próprio comportamento, está bem disposto a esquecer o passado e deixar as coisas como estão.

Para podermos entender realmente qual é a situação entre nós e Deus, é mister reconhecermos que existe uma barreira entre Deus e o homem, e que esta barreira é a exigência da parte de Deus que haja santidade em nossa vida.. A palavra do Senhor é: “Sede santos, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo”. A verdadeira situação é: “Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hebreus 12.14). Precisamos nos lembrar de que Deus é um Deus santo. Seus olhos são puros demais para contemplarem a iniquidade. Todos os escritores na Bíblia demonstraram a compreensão desta verdade! “Se observares, SENHOR, iniquidades, quem, SENHOR, subsistirá?” (Salmo 130.3). “Quem subirá ao monte do SENHOR? Quem há de permanecer no seu santo lugar? O que é limpo de mãos e puro de coração, que não entrega a sua alma à falsidade, nem jura dolosamente” (Salmo 24.3,4).

“No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo. Então disse eu: Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio dum povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!” (Isaías 6.1,5).

É neste contexto que a mensagem da reconciliação chega a nós mediante o Evangelho histórico de Jesus Cristo. Esta é a razão por que o Evangelho constitui-se em boas novas, e também a base desse ensinamento acha-se na passagem que estamos debatendo. “Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida” (Romanos 5.10). O pecado é a barreira para a reconciliação entre o homem e Deus, e a boa nova do Evangelho é a proclamação do fato de ter sido removida esta barreira mediante a morte de Cristo, sendo a reconciliação um fato consumado.

Voltemos agora ao assunto antes mencionado, que diz respeito à reconciliação entre um homem e seu próximo. Esta é a necessidade desesperadora dos nossos dias, e o Evangelho oferece a solução, e isto da seguinte forma: “Não existe apenas uma barreira entre o homem e Deus, e, sim, há também barreiras entre os homens – entre grupos sociais e econômicos, entre raças e nações. Estas barreiras também são removidas pelo mesmo ato de reconciliação e pelo mesmo Evangelho de Jesus Cristo. Paulo nos ensina esta verdade numa passagem de Efésios, onde, falando da divisão entre os judeus e os gentios no primeiro século, diz: “Porque Ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derrubado a parede da separação que estava no meio, a inimizade...” (Ef 2.14). Temos aqui, pois, o cerne do Evangelho da reconciliação. Em primeiro lugar, a reconciliação entre o homem e Deus; em segundo lugar, a reconciliação entre o homem e seu próximo. Excluir qualquer destes aspectos da reconciliação seria oferecer só uma parte do Evangelho. Hoje é dia, tanto a igreja como o mundo necessitam desesperadamente do Evangelho da reconciliação. Reconciliação essa, que hoje é oferecida a um mundo desconjuntado, moribundo, a homens e mulheres pecaminosos que estão em desacordo com Deus.

Encerro esta proclamação do Evangelho da reconciliação com a exortação apostólica: “Rogamos que vos reconcilieis com Deus”. Deixe de lado seu orgulho, seja honesto com você mesmo, reconhecendo que é um pecador. Confesse sua própria desobediência, por ter transgredido os mandamentos de Deus. Insto com você, em nome de Cristo, que se reconcilie com Deus. Faça-o agora, porque este é o momento aceitável; hoje é o dia da salvação.

E, quanto a este outro aspecto da reconciliação, se você sinceramente se achegou a Cristo pela fé, reconcilie-se então com seu próximo. A inimizade, a parece de separação entre você e Deus já foi derrubada por meio do sangue de Cristo derramado na cruz. É mediante o Seu sangue que a culpa é perdoada e seu pecado removido pela purificação. E agora pela mesma morte expiadora, por aquele mesmo poder, ponha termo a toda e qualquer hostilidade que haja entre você e seu próximo. O Evangelho de Jesus Cristo é o Evangelho da paz; paz com Deus, que faz as almas dos homens transbordarem-se de júblio; e ao mesmo tempo faz com que haja paz com todos os homens.

RAZÃO POR QUE AS COISAS SAÍRAM ERRADAS

“Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram”

Romanos 5.12

Acredito que ninguém procurará desmentir-me quando digo que as coisas não estão indo acertadamente no mundo de hoje. Mesmo num país como os EUA, onde se verificam todos os benefícios que a prosperidade material pode oferecer, e onde a educação pública é oferecida a todos os níveis sociais, onde nenhuma das liberdades vitais foi cortada. Obviamente, as coisas estão muito erradas, e estão piorando cada vez mais. A chocante corrupção e a imoralidade, o colapso geral de todos os padrões de nossas cidades indicam quão erradas as coisas estão. Além disto, ver homens e mulheres inteligentes destruindo-se com o álcool e as drogas é de despertar piedade. Vivemos em um mundo onde os problemas sociais, econômicos e outros são tremendos, e onde muitos já perderam qualquer esperança para encontrar uma solução. Evidentemente, as coisas estão erradas.

Mas, como aconteceu isto? Como é que as coisas tomaram esse rumo? Como é que – especialmente num país como os EUA, onde existe praticamente tudo – milhões de pessoas estão descobrindo que na realidade não têm nada? A Bíblia responde a estas perguntas com uma clareza inconfundível: *“Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram”* (Romanos 5.12). Nosso problema é o problema do pecado, o problema que já tem sido o flagelo da raça humana, desde a aurora da história, o veneno que vem destruindo as culturas que o ser humano tem desenvolvido até hoje. É este o problema que temos de enfrentar, e não acharemos nenhuma solução para qualquer dos nossos problemas pessoais e sociais até que olhemos frente à frente este problema tão grave: o problema do pecado.

Nesta passagem, Paulo procura volver até à origem do pecado, e fazendo assim, ensina-nos tudo quanto precisamos saber sobre a natureza do pecado. Se um riacho está poluído, como é o caso de muitos em nosso mundo margeado por indústrias, o problema não será solucionado se atirmos da margem do mesmo, produtos químicos com o fim de higienizá-lo. Estes produtos, sendo levados pela correnteza,

perderão seu efeito regenerador. O único meio para se combater eficientemente esse tipo de poluição, será procurar a origem do riacho, e quando for encontrada, será mais fácil solucionar o problema da limpeza do mesmo. Os homens modernos têm sido completamente enganados na sua busca da solução para o problema do pecado pq eles não levaram a sério a questão da sua origem. Aqui está a explicação de como as coisas ficaram confusas, eis aqui a origem do pecado: *“Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram”* (Romanos 5.12).

Em nosso estudo desta passagem, consideraremos primeiro o evento a que se refere o apóstolo, e, segundo, a doutrina que se desenvolve a partir do evento.

O evento a que se refere Paulo é a queda do homem. “Assim como por um só homem entrou o pecado no mundo...” O homem é Adão, e o evento é seu primeiro ato de desobediência a Deus. Paulo faz referência à narrativa da origem do pecado no capítulo 3 do livro de Gênesis. Se você não o leu recentemente, peço-lhe que o faça. O relatório simples e direto da queda do homem em Gênesis é leitura que refrigera, após todas as especulações filosóficas e teológicas que as mentes humanas elaboraram no que diz respeito a este assunto. A Bíblia nos informa que Deus criou o homem em estado de virtude, e conforme a Sua própria imagem. Este homem, criado por Deus a fim de ter comunhão com Ele, recebeu um mandamento cujo propósito era testar sua obediência e lealdade a Deus. O homem desobedeceu àquele mandamento e caiu no pecado da desobediência.

A primeira coisa a ser observada quanto a esta referência à narrativa da queda do homem registrada em Gênesis é que Paulo a trata como acontecimento real. Obviamente considera a queda um evento histórico, e a igreja sempre a entendeu assim até os tempos atuais. O método moderno de interpretar a queda como um mito é totalmente estranho aos escritores da Bíblia. Os escritores do Novo Testamento, pregando o Evangelho de Jesus Cristo, rejeitam explicitamente qualquer conceito de mito. “Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade” (II Pedro 1.16).

É verdade que quando teólogos modernos falam acerca de mitos na Bíblia, estão tratando de uma definição muito especializada de mito. Querem indicar com esta palavra algo que é real na experiência mas não real como fato. Tal distinção, no entanto, não somente é inteiramente estranha aos escritores da Bíblia, como também não explica coisa alguma. A questão que temos que enfrentar atualmente é a questão salientada

repetidas vezes na Bíblia e em toda a história humana: Como é que as coisas se desarranjaram? Como o homem chegou a ser aquilo que agora é? A Bíblia, respondendo a estas perguntas, não nos deixa apenas com alguns vagos conceitos filosóficos a respeito da experiência universal da culpa. Dirige nossa atenção a um ponto específico na história em que o homem e a mulher, criados por Deus, deliberada e conscientemente rejeitaram o mandamento de Deus, e naquele único ato de desobediência caíram em pecado. O conceito popular dos nossos dias em que a narrativa da criação e queda do homem registradas em Gênesis entram em conflito com a ciência é falso. C.S. Lewis, num ensaio brilhante, entitulado “*A Futilidade*”, distingue entre a evolução biológica e o evolucionismo. Diz:

“Falando a um auditório composto de pessoas com treinamento científico, não preciso insistir no fato de o evolucionismo popular ser algo bem diferente da Evolução como os biólogos a entendem. A Evolução Biológica é uma teoria acerca das mudanças de organismos. Algumas destas mudanças produziram organismos melhores, a julgar pelos padrões humanos – “melhores”, por serem mais fortes, mais flexíveis, mais conscientes. A maioria de tais mudanças não produziu semelhante efeito. Como diz J. B. S. Haldane; na evolução, o progresso é a exceção, e a degeneração é a regra. O Evolucionismo Popular não quer levar em conta esta verdade. Para ele, a “Evolução” simplesmente quer dizer “melhoria”. E isto não se confina a organismos, mas aplica-se também a qualidades morais, a instituições, às artes, à inteligência, e assim por diante. Há a idéia fixa no pensamento popular de que a melhoria seja, por algum modo, uma lei cósmica, conceito ao qual a ciência não oferece apoio algum. Não há a tendência generalizada da melhoria nos próprios organismos. Não existe evidência alguma de que as capacidades mentais da raça humana tenham melhorado desde que o homem veio a existir”.

O evolucionismo, portanto, é que é realmente o mito; e a grande ironia disso é que tantos filósofos e teólogos dos nossos dias tenham aceitado o mito popular no lugar da verdade, e baseados nesta escolha errada, transformaram em mito o antigo fato histórico.

Há mais uma consideração que deve ser mencionada no que diz respeito à interpretação moderna popular de ser mitológica a narrativa da criação e queda do homem, registrada em Gênesis. Já afirmei que Paulo considera-a como fato real, quando diz: “*Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram*” (Romanos 5.12). Mais adiante, este mesmo tratamento se torna evidente, quando Paulo fala de Adão e de Moisés, justamente na mesma frase e da mesma maneira,

mostrando que considera Adão tão histórico e real quanto Moisés, doador da lei. E há mais: em outra famosa passagem da carta aos Coríntios, Paulo diz: “Porque assim como em Adão todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo” (I Coríntios 15.22). Em Romanos 5.19, diz: “Porque, como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim também por meio da obediência de um só muitos se tornarão justos” (Romanos 5.19).

O contínuo paralelo entre Adão e Cristo que se verifica em todo o capítulo cria uma séria dificuldade para aqueles que consideram ser Adão um mito. Ao longo desse paralelismo, fala-se de Adão e de Cristo de modo idêntico, - quer-se portanto dizer com isto que Cristo também é um mito? A maioria dos teólogos radicais dos nossos dias não hesitaria em afirmar que Cristo também é um mito. Por chocante que pareça, estamos nos acostumando hoje a ouvir os teólogos falarem em “Cristianismo sem Cristo”. Começando-se com o conceito do mito para explicar todos os eventos básicos e sobrenaturais da Bíblia, afinal de contas, não nos resta nada senão alguns símbolos e escalas de valores flutuantes.

Contrastando com isto, afirmando baseados nas Escrituras que tanto Adão como Jesus Cristo são reais. A totalidade do argumento do Novo Testamento, que diz respeito ao pecado e à redenção, baseia-se nesta realidade. “Assim como em Adão... assim também em Cristo”. “Como pela desobediência de um homem... assim também por meio da obediência de um só...” Ambos os lados desta afirmativa são fatos reais. A queda do homem, portanto, é acontecimento histórico; e a redenção do homem mediante Jesus Cristo é um acontecimento histórico. A criação, a queda e a morte acham-se numa extremidade da escala; na outra extremidade, porém, encontram-se a morte, a ressurreição e a vida”. “Assim como em Adão todos morrem, assim todos serão vivificados em Cristo”.

“Que amorosa sabedoria a do Nosso Deus
Em havendo só vergonha e pecado,
Enviou o Segundo Adão à batalha
Tendo-nos assim libertado.”

Consideraremos agora a doutrina que vem até nós a partir daquele evento. A doutrina é ensinamento, e de acordo com todos os pontos fundamentais da nossa fé cristã, não somos nunca relegados à nossa própria interpretação ou especulação. Todos os grandes atos de Deus estão acompanhados na Bíblia pela sua interpretação ou significação inspirada e infalível. A doutrina que nos é transmitida na narrativa da

queda do homem, é a doutrina do pecado original, que descobrimos na primeira declaração do evento. Permita-me que mencione mais uma vez a passagem: *“Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo”* – este é o evento. Temos aqui a interpretação e a significação: *“Assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram”* – essa é a doutrina. É freqüentemente ensinada na Bíblia a doutrina do pecado original. Quando Davi tomou consciência da enormidade dos atos que praticou: adultério e assassinato, clamou a Deus suplicando misericórdia e graça. Ao confessar seu pecado, reconheceu que a natureza da sua transgressão era uma quebra dos mandamentos de Deus; esse homem era um profeta, e falando pela inspiração do Espírito Santo, disse: *“Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe”* (Salmo 51.5). Paulo sob a mesma inspiração, disse aos Efésios, que antes de terem vindo a Cristo, estavam mortos em seus delitos e pecados.

A Bíblia faz distinção entre o pecado cometido e o pecado original. Os pecados cometidos são as coisas erradas que praticamos. Este aspecto é abrangido pela definição bíblica do pecado, como transgressão da lei de Deus. No entanto, há mais. Temos, entretanto, um coração maligno; nossa natureza é de tal forma corrupta, que estamos inclinados a não fazer o bem, e sim o mal. É um dos significados do pecado original segundo a Bíblia, e precisamos saber isso, porque nunca chegaremos realmente a Jesus Cristo para sermos salvos antes de entendermos quão desesperadora está a nossa situação fora de Cristo. A segunda coisa que a Bíblia nos ensina no que diz respeito ao pecado original é que estamos realmente envolvidos no pecado de Adão. Em Adão somos pecadores, *“porque todos pecaram”* (Romanos 5.12). Com toda razão, o antigo catecismo de New England diz: Adão encabeça toda a raça humana, e, como membros dessa raça, estamos identificados com ele no seu ato original de desobediência. Pela desobediência de um só homem, todos os outros foram constituídos pecadores. Foi assim, portanto, que as coisas perderam o rumo. A Bíblia, porém, não nos abandona às profundezas do pecado e da morte; ensina-nos como Deus pôs as coisas nos eixos, endireitando o que estava errado. O Evangelho nos leva de Adão até Cristo; e já que você está relacionado com Adão no seu nascimento físico, não há nada de mais relevante para você do que o Evangelho de Cristo, através do qual você pode nascer de novo, porém espiritualmente. Aceite, pois, esse Evangelho glorioso da graça, e sua alma viverá.

COMO DEUS ENDIREITOU AS COISAS

“Mas, onde abundou o pecado, superabundou a graça; a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor”

Romanos 5.20,21

No verão passado, a cidade de Chicago celebrou o término do seu novo centro cívico. Na praça aberta ao redor de que ficam os novos edifícios públicos, mandaram erigir uma estátua que, segundo se pretendia, iria representar o espírito da cidade. Esta enorme obra de arte levou três anos de planejamento e construção. A cidade contratou o escultor mais famoso da atualidade para executar o trabalho, Pablo Picasso. A natureza da obra foi um segredo bem guardado. E uma grande multidão se reuniu na praça, no dia em que a mesma foi apresentada ao público. Quando foi retirado o pano que a cobria, ouviu-se uma exclamação da grande multidão. Surgiu diante deles uma esquelética estrutura metálica, que ninguém conseguiu decifrar. Viu-se uma figura gigantesca de cinco andares de altura – mas, o que representaria? Um dos presentes disse que parecia uma vaca gigantesca mostrando irreverentemente a língua à cidade. O repórter que faz a cobertura do acontecimento chamou-o “um monumental alguma coisa”. O artista, que faz o discurso de inauguração, reconheceu não saber do que se tratava, disse, no entanto, que talvez a próxima geração chegasse a entender a escultura melhor do que a atual. Foi impossível identificar a figura.

Não é meu propósito destacar este acontecimento, desmerecer o artista ou a sua obra. Se a intenção dele foi criar algo para simbolizar a era em que vivemos, eu diria que ele o conseguiu. A obra reflete o espírito do subjetivismo. Atente para a reação da multidão. Um diz: é um homem; outro diz: é uma mulhre; outro: é um animal. Isto reflete o espírito da nossa época. Tudo aquilo que você está imaginando. A única realidade que existe está dentro da sua mente. O espírito niilístico está dominando mais e mais a teologia moderna. É por isso que se ouve tanto, em muitas discussões acerca de religião hoje em dia as palavras: “Eu penso”, “No meu parecer”, “Eu creio que é assim”. Nesta teologia subjetiva perdemos inteiramente o Evangelho de Jesus Cristo. Isto se verifica aparentemente no moderno método de comentar esta parte da carta aos Romanos que estudamos no capítulo anterior, porque, se não há

um Adão real, se o Cristo histórico não existe, temos apenas símbolos ao invés de verdades históricas, e cada época os criará para si.

Destaco esta verdade porque toca na questão crucial que a igreja enfrenta hoje. Se a igreja segue os encantadores da nova teologia, que rejeitam todas as doutrinas históricas da fé cristã, isto a levará ao niilismo – ao nada. Só poderá fazer eco ao espírito de nossa era, em que não se ganha, não se perde, não se crê em nada.

Para apreciarmos o contraste, leiamos a magnífica peroração que Paulo faz depois de completar o primeiro passo principal na sua exposição do Evangelho histórico de Jesus Cristo. Nesta série de estudos em Romanos, seguimos o grande apóstolo, primeiramente na declaração do tema da carta, que o Evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, e, a seguir, na sua demonstração da universal necessidade daquele Evangelho, e da solução que Deus oferece a esta necessidade, na pessoa de Seu Filho, Jesus Cristo. Chegamos agora à conclusão triunfante, em que Paulo diz: *“Mas, onde abundou o pecado, superabundou a graça; a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor”* (Romanos 5.20,21). Temos aqui a realidade. Como o pecado é terrivelmente real! Percebemos isto a cada dia, porque todos nós estamos expostos ao seu poder e às suas tentações que querem nos atrair. Quão terrível é o seu resultado: o pecado reina pela morte. Esta é uma realidade. Há, porém, outra realidade – a realidade de Jesus Cristo. *“Onde abundou o pecado, superabundou a graça; a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor”*. Tratando-se aqui da linguagem de conflito e vitória, consideraremos em primeiro lugar a vitória que foi ganha por Cristo em nosso favor, e, em segundo lugar, o modo por que foi ganha.

A vitória de Cristo é descrita como vitória total da graça. Não é meramente uma escaramuça, nem uma batalha, nem uma campanha em que Jesus Cristo triunfa; ganhou a guerra contra o pecado e a morte, com uma vitória real. Há alguns anos, um evangelista americano estava entrevistando o grande líder cristão da Europa, o Bispo Dibelius. Perguntou ele ao bispo: “Ao encarar o mundo, é otimista ou pessimista?” O bispo respondeu: “Esta não é uma pergunta cristã”. Não estava querendo fugir da resposta, porque continuou: “O cristão nunca encara o mundo separadamente de Jesus Cristo”. Se olharmos somente para o mundo, não veremos qualquer base para se ter esperança; mas, se olharmos para Jesus Cristo, então teremos esperança, e então saberemos que a vitória é nossa. É uma vitória que nos traz benefícios pessoais. Bunyan, com sua costumeira introspecção em matérias bíblicas, tirou

duas palavras do texto e as empregou na descrição da morte de um dos grandes personagens de *O Peregrino*. Talvez se lembre das últimas palavras de Fiel ao chegar ao rio da morte: “A graça reina”. O pecado é derrotado de maneira final e total por Jesus Cristo. Ele conquista tudo – o pecado, a morte, o túmulo, e o próprio inferno – porque Ele foi manifestado para destruir as obras do diabo.

A palavra-chave nessa descrição da vitória é “graça”. Isto visa lembrar-nos de que a vitória de Deus. Ele triunfa sobre tudo porque é soberano. Visa lembrar-nos, outrossim, que foi Seu amor espontâneo para conosco sem que o merecêssemos, que O levou a agir em nosso favor. Quando as coisas andavam erradas, Deus as endireitou para sempre mediante Seu Filho Jesus Cristo.

Observemos agora como foi ganha a vitória. Como é que a graça triunfou sobre o pecado? Onde abundou o pecado, tão universalmente, e com poder tão terrível, como aconteceu que a graça abundou ainda mais? Se o pecado reinou na morte, qual poder foi exercido para fazer com que a graça reinasse na vida? A resposta a esta pergunta é que a vitória foi ganha do mesmo modo por que a batalha original foi perdida. *“Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio de um só, muitos se tornarão justos”* (Romanos 5.19).

Aqui nos é apresentado o princípio bíblico da solidariedade. É o princípio de “todos mediante um só”. Esta parte inteira de Romanos (versículos 12-20) traça o paralelo entre Adão e Cristo. A primeira adesão é a que há em Adão; há unidade da raça humana. Adão é a raça humana. John Donne, o dotado pregador do século XVI, explica a verdade da seguinte maneira:

“Nenhum homem é uma ilha inteira em si mesma; cada homem é um pedaço do continente, uma parte da terra principal. Se for tirado um único pedaço, a Europa sofre uma perdad assim como se tratasse de uma península ou de um palacete cheio dos seus amigos. A morte de cada pessoa me diminui, porque eu estou envolvido na raça humana. Portanto, nunca mande saber para quem está tocando o sino funerário: toca para ti.”

Temos, pois aqui a antiga adesão: a adesão do pecado e da morte em Adão. Nascemos dela, e não temos a mínima capacidade de nos livrar dela. É por isso que homens que entenderam esta verdade têm clamado, nas palavras do escritor do Salmo 130: *“Das profundezas, clamo a Ti, SENHOR. Escuta, SENHOR, a minha voz; estejam alerta os teus ouvidos às*

minhas súplicas. Se observardes, SENHOR, iniquidade, quem, SENHOR, subsistirá” (Salmo 130.1-3).

O Salmo, no entanto, não termina ali, porque a Bíblia nunca nos deixa com o desespero de uma exclamação de desamparo. Procuo mais uma vez o Salmo 130, e leio o versículo que se segue imediatamente: *“Contigo, porém, está o perdão, para que te temam” (Salmo 130.4).* Temos aqui outra adesão; temos outro cabeça; temos outro representante. Jesus Cristo é o segundo Homem, o último Adão. Como em Adão todos morrem, assim também em Cristo todos serão vivificados. Jesus Cristo é o Cabeça da nova humanidade. Esta é a nova adesão. Quando você confessa Jesus Cristo como seu Salvador, e se une a Ele pela fé, você é incorporado em uma nova comunidade. É assim que somos salvos, é isto que significa estar em Cristo.

Então veja: perdemo-nos e fomos salvos exatamente da mesma maneira. Já estamos perdidos em Adão, e, se você disser que nada tem a ver com isto, então lembre-se de que Deus o salva mediante a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, e você não tem nada a ver com isso, tampouco. Pela desobediência de Cristo, somos justificados.

É esta a mensagem de salvação de que você necessita, porque o espectro da morte paira sobre você. Somente através da entrega total a Jesus Cristo é que você poderá livrar-se dela. Não faça um conceito errôneo da palavra “todos”, nestas comparações. *“Em Cristo todos serão vivificados”* não quer dizer todo e qualquer ser humano, mas, sim, os que estão incorporados na nova adesão. *“Pois não me envergonho do Evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego”.* Para ser vivificado, você precisa estar em Cristo. E isso só será possível se você vier a Ele por meio da fé. Aceite-o, pois, agora, tornando-se possessão dEle, permitindo que Ele o liberte da morte eterna. Amém.

Transposição para o meio digital
realizada por

Dawson Campos de Lima

Dezembro/2000 - Outubro/2001

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução parcial ou total sem autorização escrita de nossa parte.